

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 6

Junho de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

NA GUINÉ PORTUGUÊSA

O gentio revoltado na região do Churo massacra o alferes José Nunes

Deram-se ultimamente na Guiné acontecimentos, que mais uma vez vieram demonstrar o errado sistema, que, de longa data, temos adotado na ocupação militar não só daquela provincia como em todas as demais colonias.

Bater uma região revoltada submetendo á obdiencia o gentio insubmisso, sem que a esse castigo, violento, por vezes, se siga uma ação fecunda e eficaz de colonisação, é produzir um trabalho quasi esteril, senão esteril de todo; é sacrificar vidas, sem resultados proficuos, a não ser o provar-se, sempre, a bravura, a dedicação e heroisidade dos nossos officiais e praças, que jámais hesitam em afrontar os mais graves perigos ou sofrer as maiores agruras, sempre que os seus serviços sejam pela Patria reclamados.

Foi exatamente o que ha pouco ocorreu na Guiné.

Em 16 de dezembro comunicou o governador telegraficamente ao ministro das colonias, que, segundo informações recebidas do administrador de Bissau, o gentio do Churo havia queimado o motor *Cacine* assassinando o administrador de Cacheu e toda a tripulação do referido barco composta de oito indigenas. O administrador de Cacheu seguia pelo rio Pelundo em serviço de arrulamento. No seu laconismo o telegrama recebido mostrava que um massacre se havia dado nas margens

do rio Pelundo, e que mais um acto de revolta do gentio tinha de ser sufocado para manter ali o prestígio e a soberania da bandeira portugueza. Informações mais detalhadas vieram, porém, posteriormente mostrar, quão horrorosos deviam ter sido os ultimos momentos dos individuos massacrados, entre os quais estava o alferes do secretariado militar José Nunes, achando-se á mercê do gentio revoltado, sem esperança alguma de socorro e na impossibilidade de poderem, por um ato de audacia ou bravura deter, sequer, o impeto da populaça hululante.

O alferes José Nunes, que nenhuma experiencia possuia do serviço do ultramar achava-se á frente da administração de Cacheu. Zeloso pelo serviço e querendo no exercicio das suas atribuições proceder ao arrolamento das palhotas na região do Churo, para efeito da cobrança de imposto, cometeu a imprudencia de, fiando-se na atitude do gentio, cuja insubordinação ou hostilidade cousa alguma fazia suspeitar, seguir para o desempenho da sua missão perfeitamente desacompanhado de qualquer elemento de força, levando apenas no barco movido a gazolina *Cacine*, além da respectiva tripulação, composta de sete indigenas, seis empregados da administração, e como interprete, o negociante e agricultor, natural de Cabo Verde, Manoel Rodrigues da Fonseca.

A sua ilimitada confiança na atitude, até então pacifica, do gentio, havia de lhe ser fatal, e, assim, ao partir, em 10 de dezembro do ano findo, de Cacheu em direção ao Churo mal imaginara o alferes José Nunes, que por sua propria mão lavrara a sua sentença de morte.

Como se deu o massacre — O panico invadindo a tripulação torna impossivel uma resistencia tenaz.

Seguiu o administrador de Cacheu no motor *Cacine* pelo rio Pelundo e fundeava no dia seguinte em Churo-Enque, ali pernoitando.

No dia seguinte, o interprete Manoel Rodrigues da Fonseca dirigia-se a terra, afim de comunicar a presença ali do administrador e do fim que tinha em vista de proceder ao arrolamento das palhotas.

Efetivamente, pouco depois, apresentava-se na margem do rio

um grande magote de indigenas, com os quais logo se dirigiu a falar o malogrado official José Nunes.

A arrogancia e attitude do gentio mostraram desde logo que aquelle administrador não levava a bom termo a sua missão. Procurou ele convecel-o do fim pacifico que o levava ás terras do Churo, falando-lhe por meio de interprete e tratando de os chamar á obdiencia fazendo-lhes ver, que a desobdiencia á ordens da autoridade local podia trazer-lhes funestas consequencias.

Mas o gentio, que de antemão certamente havia preparado já o golpe, conscio de que, pelo menos naquelle momento, era ele o mais forte, pois nem pela mente lhe passou o tomar a serio qualquer resistencia por parte do minusculo grupo de brancos, que tinha pela sua frente, o gentio diziamos, não atendeu nem escutou os conselhos e as exortações do official.

Só via que era azado o momento para exercer vindictas sobre os europeus, que no fundo detestam, pela supremacia que impõem, e sem pensar no castigo, que decerto não se faria esperar — como efetivamente succedeu — redobrou de audacia e hostilidade.

Desorientado, tendo talvez já a visão do que lhe ia acontecer, o alferes Nunes recolheu a bordo manifestando bem claramente a raiva que o dominava por se ver impotente para castigar desde logo a attitude do gentio, e antevendo, decerto, a gravidade da situação que ele creara.

Foi neste estado de alma que se recolheu á camarinha de bordo, enquanto o interprete Fonseca permanecia em terra lamentando com gentio.

Passaram-se estes factos de manhã, e a situação assim se manteve até que, proximo do meio dia, um numeroso grupo selvatico, dirigido e orientado por um preto, a quem parecia prestar obdiencia, chegava ás margens de Pelundo, como quem vinha saborear o morticinio dos brancos, que supunham haver-se já dado.

Chegara o momento, porém. Foi então, que o suposto chefe vendo que, ancorado á margem, o motor *Cacine*, ali representava a autoridade a pretender impor-se, voltando-se para os seus que os acompanhavam e para os que ali se achavam desde manhã, como que increpando-os, disse-lhes dum modo terminante: «Então não deram cabo dos brancos, e ainda aqui se encontram?»

Como se uma pilha elétrica os tivesse sacudido, toda aquela massa negra se move e agita num momento para cevar os seus impetos selvagens.

la começar a carnificina!

O interprete Manuel Rodrigues da Fonseca, tenta procurar a bordo um refugio, mas era demasiado tarde.

Um tiro prosta-o imediatamente, e a sua cabeça de pronto decepada era espetada num pau como emblema de vitória!

O lance é aflitivo.

De bordo todos se juntam numa defesa heroica, sublime, mas a horda selvatica lança-se sobre a amurada do barco invadindo-o.

E' então, que segundo a versão de um dos sobreviventes, o alferes Nunes ao sair da camarinha é ferido pelas costas por um tiro, caindo morto, e segundo outros, vendo a sorte horrôsa, que o aguardava, impotente para dominar, sequer, a violencia dos canibais, desfechou na cabeça, o revolver que possuia, procurando, assim, na morte um refugio á vergonha de ver a sua farda de oficial manchada por violencias de negros selvagens!

A morte do referido oficial veio ainda causar maior perturbação a bordo.

Dos guardas, uns defendem-se, outros lançam-se á agua, procurando alcançar a outra margem do Pelundo, onde tinham a certesa de encontrar auxilio e proteção, mas a breve trecho só pairava a morte a bordo do *Cacine*.

Ainda, segundo a versão de um dos sobreviventes, no auge do desespero, o patrão de bordo, querendo vingar-se do gentio assaltante, lançou fogo ao deposito da gazolina, que, explodindo, destruia o motor, ferindo muitos dos indigenas do Churo, mas, segundo as declarações de outros, foram os proprios assaltantes que, após o massacre, fizeram ir pelos ares o fragil barco, como quem destruia assim todo o vestigio de nossa supremacia.

Um dos foragidos, que, ferido, se acolhera á proteção do chefe indigena da margem oposta, chegou a ser reclamado pelos habitantes de Churo, ao que aquele fiel amigo se opuzera tenazmente declarando ao gentio que defenderia até pela força o seu asilado.

Terminou, assim, a tragedia de que as margens do Pelundo

foram testemunhas e se não fosse o castigo rapido e decisivo que ao gentio foi imposto, é possível que o massacre dos defensores do *Cacine* tivesse serias e graves consequencias.

Felizmente a lição não se faz esperar.

O capitão Teixeira Pinto impõe aos revoltosos um duro castigo

Conhecendo a gravidade da situação o governador da provincia, embora dispondo de diminutos recursos militares, não hesitou um momento: determinou a constituição imediata duma colúna que partindo para o local da revolta a sufocasse, batendo e ocupando a região do Churo.

Confiando o seu comando e um intrepido e valente official, o capitão d'infantaria, João Teixeira Pinto, cuja folha de serviços no ultramar é importante e que ainda ultimamente havia demonstrado o seu muito valor e coragem batendo e ocupando a região do Oio na mesma provincia, organisou aquele official a pequena colúna a qual partia de Cacheu em 2 de janeiro constituida na sua quasi totalidade por irregulares. — 352 — tendo apenas 48 praças de infantaria e artilharia.

O resultado obtido pela acção da colúna patenteia-o o governador da Guiné no seguinte telegrama que dirigiu ao ministro das colonias.

Bolama 9 de janeiro. As operações territoriais no rio Pelundo onde se deu o massacre da tripulação do motor «Cacine» foram iniciadas em 2 do corrente partindo a colúna de Cacheu composta de 48 praças regulares e 352 auxiliares sob o comando do capitão Teixeira Pinto.

Nesse dia as nossas forças sofreram vivissimo ataque do gentio do Churo, Pelundo e Bassarel, terminando o combate pela fuga do inimigo, que teve imensas baixas, havendo do nosso lado sete mortos e vinte e sete feridos, dos quais tres gravemente, não havendo feridos das tropas regulares.

No dia seguinte a colúna chegou ao ponto em que se havia dado o massacre do «Cacine» e onde já se encontravam as canhoneiras e o motor «Republica».

O inimigo tentou atacar o acampamento sendo repellido com grandes perdas.

Na marcha para Xurubrique o gentio ofereceu ainda resistencia, tendo as nossas tropas sofrido baixas no primeiro combate.

O gentio da margem direita do Pelundo ficou completamente desmoralizado.

As operações terão como resultado o castigo do massacre e a ocupação de toda a sua região onde jámais se exerceu a nossa soberania, a não ser, transitoriamente, na pequena faixa de territorio na margem do rio.

Felicitó V. Ex.^a pelo brilhante resultado das operações, que se iniciaram, e se hão de levar a cabo só com os recursos da provincia devido ao valor dos nossos officiais, praças, e á energia, coragem e extraordinaria dedicação do comandante da colúna, que a esta provincia tem prestado os mais relevantes serviços».

Iniciaram-se, como se vê pelo telegrama transcrito, com feliz exito as operações no Churo.

Informações posteriores mostram, porém, que o seu objetivo foi atingido batendo e ocupando a região, derrotando o gentio por completo, ficando, assim, vingado o massacre.

Mas, facto curioso, esta dura lição, que as nossas tropas infligiram ao gentio, e cuja derrota teve decerto eco no sertão, e que parecia ser motivo bastante para que o socego e a tranquillidade voltassem á provincia da Guiné, não constituia ainda a ultima prova a que tinham de ser submetidas as nossas tropas.

Um novo massacre se dava pouco depois, embora em ponto afastado do Churo, e do qual foram vitimas, mais um official do exercito e dois cabos europeus.

No territorio balanta é trucidada uma força do pelotão de policia rural

Efetivamente, parece que um sopro de revolta passou pelos tribus gentlicas da Guiné animando-as a atos de manifesta hostilidade, causando perturbações á vida economica da provincia, e, quer o massacre da tripulação do *Cacine* no Churo, quer a da força do pelotão de policia rural no territorio balanta revelam um ato de audaz indisciplina tanto mais, com relação a este ultimo, que a derrota do gentio do Oio devia ter-lhe tirado todas as veleidades de rebelião.

Mas o indigena é, por indole, traiçoeiro, e vingativo: ven-

cido nas operações efetuadas na ocupação do Oio e no estabelecimento do posto militar de Mansôa, recalcou no seu intimo a raiva impotente, que o dominava, pronta a explodir na primeira ocasião favoravel, que se lhe oferecesse.

Chegado o momento, aproveita-o, não temendo nem receando o castigo futuro, como que impellido pelos seus instintos selvaticos repremidos a custo, e lança-se no cometimento das maiores represalias. Foi o que se deu.

Sendo necessario proceder a um reconhecimento no territorio balanta para o estabelecimento duma ponte sobre o rio Bambi, afluente do Mansôa, foi incumbida esta missão a uma força do pelotão de policia rural, do comando do alferes d'infantaria, Manoel Augusto Pedro, no efectivo de dois cabos europeus e 15 praças indigenas.

Partiu a força do posto Mansôa em 10 de fevereiro, mal imaginando a agressão traiçoeira, que a curta distancia o aguardava.

Tendo, talvez, conhecimento da marcha da diminuta força, achou o gentio favoravel a ocasião para exercer a sua vingança, e tão bem dispoz as cousas, que efectivamente conseguiu levar a cabo o seu intento.

Ao marchar em direcção á povoação da Praia a pequena columna sente-se, de repente, atacada, mas com uma violencia tal, que bem párecia que a surpresa fôra planeada em todos os seus detalhes.

O gentio, dirigindo desde logo os seus fogos sobre os quadros europeus pois bem sabia, que, liquidados estes, facil presa se lhe tornaria as praças indigenas, matam o alferes Pedro, e em seguida os 1.^{os} cabos europeus, Martins Pereira e Moraes. Neste primeiro impeto quatro soldados indigenas tem igual morte.

O resultado facil é de prever.

Estabeleceu-se o panico entre as restantes praças, que, sem chefes, nem tentaram esboçar a mais pequena defesa, procurando na fuga desordenada escapar ao massacre, que previam. Baldado empenho, pois não conseguem o seu intento: ao atravessarem o rio Bambi são mortos pelos sitiantes. O inimigo, cantando vitoria, apodera-se imediatamente do armamento das praças e dos 18 cavalos, suas montadas.

Estava escrito, porém, que o castigo não tardaria, e que

este seria infligido ao gentio no proprio local da occorrença, para que não tivesse tempo de recobrar animo pelo acto de audacia praticado.

O comandante do posto militar de Mansôa ouvindo o tiro-teio e tendo a intuição de que alguma cousa de grave se estava passando, não hesitou um momento: reúne a força do seu comando e com ela marcha na direcção seguida pela força do pelotão de policia rural, chegando ao local do massacre pouco tempo depois de ele se haver efectuado.

Tomar as devidas disposições para o combate e atacar os indigenas a fundo, não o deixando refazer do alarme e susto que a força lhe produzia, foi a resolução immediata que o comandante da força adoptou.

Habil foi o estratagema seguido: a brevo trecho o gentio, completamente desmoralizado e desbaratado fugia deixando no campo grande numero de mortos.

Estava, assim, é certo vingada a afronta que as nossas armas haviam sofrido, mas a lista dos officiaes e praças mortos em Africa no cumprimento do seu dever contava mais o nome do alferes Pedro, e dos dois 1.^{os} cabos, aos quais nem sequer foi licito defender a vida, pois que a rapidez do ataque do gentio os prostrara desde logo.

E. B.

MORAL DOS EXERCITOS

Sempre se tem dito que o exercito é um *maquinismo*! Assim será, mas é mistér acrescentar, para a definição ficar completa, que esse maquinismo tem alma e é dirigido e conduzido por uma vontade.

Em verdade, por maiores que sejam os cuidados empregados para bem ajustar todas as peças desse maquinismo, assegurar-lhes as transmissões do movimento e diminuir-lhes os atritos; por maiores que sejam os progressos introduzidos no armamento, na fortificação, na tactica, na administração das tropas, etc., falta ainda ao maquinismo, ao exercito, uma coisa essencial para o seu regular funcionamento.

Organisou-se, não há duvida, um sistêma; falta, porem, dar-lhe vida. Ora esta é dada ao maquinismo pela applicação da electricidade ou do vapor regulado pela mão do maquinista; nos exercitos é a *Moral das tropas* que centuplicará o poder fisico no momento da acção e do qual em todos os tempos os grandes capitães souberam tirar recursos inexauriveis.

O emprego na defêsa do país de todas as forças morais do exercito é que torna grande e nobre a carreira das armas.

Uma profissão que exige sciencia e arte completas, que impõe a quem se lhe dedica a pratica das mais nobres virtudes e o sacrificio da propria vida pela causa pública, deve ser objecto de respeito da nação.

Os gregos e, principalmente, os romanos, que tinham e mostravam uma aptidão natural, um instinto profundo, por assim dizer, para a comprehensão nitida e perfeita do que fazia e tornava grandes os povos, não desprezavam nenhum meio que imprimisse a maxima intensidade á força moral de seus exercitos. Entre eles, as instituições politicas, a educação, os jogos públicos, os trabalhos do Campo de Marte, o Forum e o Teátro, tudo convidava o cidadão a pensar constantemente na defêsa, autonomia, engrandecimento, progresso e gloria da patria.

Se entre a alma e o corpo, para quem não é obstinado sectario do materialismo, existe intima ligação, tambem, como regra, deve admitir-se que o valor intelectual e moral do homem de guerra está na razão directa do seu estado fisico. Fortificando-lhe o corpo por habitos regulares, torna-se apto para receber e aplicar a solida e firme disciplina moral, que lhe faz suportar com resignação as mais rudes fadigas e encarar corajosamente todos os perigos.

A elasticidade e vivacidade do temperamento nacional pre-dispõem admiravelmente o soldado para tirar todo o partido desta mutua reacção das forças fisicas e morais bem equilibradas, como se torna capaz das mais brilhantes acções militares desde que tenha recebido instrução profissional perfeita e completa e seja bem comandado.

Para as tropas, sobretudo, são necessarias e indispensaveis estas qualidades morais, que se desenvolvem facilmente pela vida em comum, por exercicios, pela pratica da disciplina e dos deveres militares. A moral do soldado deve assentar na ideia de que êle é uma parte activa e inteligente dum grupo coope-rando para o interesse geral; no comando e na obediencia existirá o bem do exercito.

O official deve dar sempre prova de valor moral e de instrução tanto mais completa quanto maior gráo tiver na hierarquia militar. Qualquer que seja o seu posto será constantemente um exemplo vivo para os que estão sob o seu comando, porque é ao mesmo tempo quem os dirige e instrue.

Uma profissão que exige exercicio e arte completas, que não se pode aprender sem a pratica, e que exige a cultura das armas, exige a quem se lhe dedica, não só a mais nobre virtude e o espirito de *subordinação*, que dá a cada qual o respectivo lugar na ordem hierarquica. São estas as qualidades primordiais que muito convem gravar no espirito do soldado para que se lhes tornem familiares; sem elas não poderiam existir os exercitos. Obteem-se sempre pela applicação rigorosa da disciplina e por um comando energico, firme e recto.

Nas *qualidades colectivas* necessarias ao soldado devemos colocar em primeiro lugar a *obediencia* que faz com que os actos de todos eles concorram para um fim comum; em segundo, o espirito de *subordinação*, que dá a cada qual o respectivo lugar na ordem hierarquica. São estas as qualidades primordiais que muito convem gravar no espirito do soldado para que se lhes tornem familiares; sem elas não poderiam existir os exercitos. Obteem-se sempre pela applicação rigorosa da disciplina e por um comando energico, firme e recto.

O sentimento da *confiança*, esse, é influenciado ou nasce

nas tropas por muitas causas e circumstancias variadas. Quasi sempre resulta da apreciação exacta da propria força, dos feitos de guerra anteriormente ocorridos e alcançados com exito, dum bom armamento, do espirito de camaradagem, da firmêsa e exemplo dos chefes.

Desenvolve-se rapidamente com o sucesso feliz, mas enfraquece, e até desaparece, num abrir e fechar de olhos, com o revés, mormente, se os soldados se capacitam ou adquirem a certêsa de que este último tem por causa a incapacidade de quem os comanda. A primeira condição, pois, para inspirar confiança ás tropas será coloca-las sob o comando de chefes prestigiosos, capazes e experimentados, e que elas hajam tempo de conhecer e apreciar. Se á frente de tropas hesitantes estiver um chefe de reputação feita, habil, inteligente, de animo firme e resolutu, a confiança renascerá nessas tropas como por encanto.

A *dedicação* é outro sentimento que leva o soldado a sacrificar-se para salvar os camaradas e os chefes ou, pelo menos, a tomar parte voluntariamente nos sofrimentos comuns para o interesse e bem de todos. Esta dedicação depende, sem duvida e muito, da intensidade da disciplina, da solidariedade entre os soldados, dos perigos que hajam corrido juntos e do exemplo que recebem dos officiais.

O *espirito de corporação* está para o exercito, como o espirito de familia está para a nação. E' um laço comum que mantém a unidade, a camaradagem e a vitalidade em cada grupo constituído. Reune, como uma familia, os combatentes em volta da sua bandeira, simbolo augusto da patria, emblema do sacrificio e das tradições gloriosas do regimento. Excita-lhe frequentemente este nobre sentimento; os chefes superiores devem velar para que êle se não amesquinhe degenerando em espirito de corrilho ou de particularismo. Consagrar-se hão, nas suas instruções morais, a fazer compreender aos soldados que o espirito de camaradagem deve ficar sempre subordinado á necessidade de se sacrificarem ao amor da patria que é a lei suprema do soldado.

O *patriotismo*, isto é, a absoluta dedicação pela patria, dá força e energia aos combatentes, transforma as naturêsas mais vulgares, inspira-lhes outras virtudes, e torna-os capazes de acções heroicas.

A grande superioridade moral dos soldados da antiga Roma tinha origem no amôr pela Liberdade e pela Patria. E' que os romanos tinham horror ao jugo estrangeiro, amavam e defendiam com paixão cêga a Patria e Roma que para eles representava o santuario da grandêsa da Liberdade.

O amôr pela patria arrasta, seduz, encanta e fascina a disciplina dos espiritos e dos coraçõs; esta nobre paixão apaga o partidarismo, as invejas mesquinhas, e faz do exercito o lar dos sentimentos heroicos e a cidadela da Honra Nacional. Levanta a coragem abatida, curva os mais recalcitrantes ao jugo da disciplina, e a todos submete ás mais duras necessidades da guerra.

As principais *qualidades individuais* que muito importa desenvolver nos soldados pelo habito e por uma vida ou existencia laboriosa e bem regrada, são:

A *sobriedade* resultante dum viver simples e duma moderada alimentação.

A *probidade*, isto é, o respeito absoluto pelo que pertence aos outros e á nação. E' a fidelidade ou obediencia ás leis, aos costumes e á consciencia. Esta virtude deve ser, por assim dizer, hereditaria; o soldado antes do seu alistamento nas fileiras do exercito, deve tê-la adquirido no seio da familia. E' ela a mais solida base do respeito á autoridade e do cumprimento do dever.

A *intrepidez*, principal virtude activa do soldado, resulta dum temperamento energico, resistente, desenvolvido pelo habito das fadigas, do perigo e por uma impoluta educação moral. E' ela que, no dia do combate, incita o soldado a avançar, afrontando os perigos sem hesitação; activa a vigilancia e consolida a coragem; é ela, enfim, que faz suportar as fadigas, o frio, a fome e todas as demais calamidades da guerra.

A intrepidez é essa força misteriosa que conserva em permanente tensão, qual mola de aço, a alma do guerreiro, permitindo-lhe opôr aos obstaculos, de qualquer especie, ainda os mais invenciveis, uma reacção offensiva, cuja intensidade aumenta na razão directa da resistencia.

A coragem inata, diz Broussais, é constante. Não enfraquece

em presença do perigo; a que, porém, resulta do amôr proprio, está sujeita a desmentir-se. Ora a intrepidez, procedendo da coragem e da valentia natural, desenvolve-se pela educação, fortalece-se pela experiencia e torna-se um verdadeiro habito no homem de guerra.

O espirito valoroso nunca é surpreendido; resoluto, sabe sempre dirigir-se conforme o dever e a propria dignidade.

Os diversos elementos que constituem tal virtude não são por emquanto gerais nas fileiras do exercito, tão capaz de resignação como de arrebatamento. Estas primorosas qualidades necessitam ser exercitadas pela emulação e recompensas, precisam ser equilibradas por uma educação energica e por uma severa disciplina. A intrepidez e a bravura levada ao extremo é muito difficil de encontrar; pelo contrario, o sentimento do receio é mais geral do que se pensa e propaga-se com lamentavel facilidade. E' principalmente nos momentos criticos e quando a tropa está vencida pela fadiga, pelos revezes, por um demorado cêrco, que se manifestam os exemplos perniciosos de abatimento moral nos aguerridos da vespera, que, sem convicção, sem energia, divulgam as mais deploraveis noticias, semeiam por toda a parte a cobardia e o desanimo; julgando tudo perdido, acabam, efectivamente, por tudo perder. Os chefes tem então por primeiro dever reagir energicamente contra essa corrupção moral; devem por todos os meios reanimar o ardôr que se extingue; percorrer as fileiras; atacar com rapidez e ousadia; recompensar condignamente os actos de valor; aviltar a fraqueza e a pusilanimidade; e dar a todos o exemplo de persistente firmêsa.

O soldado, como a tropa, ainda a menos destemida, é por tal modo impressionavel e sensivel ao louvor e á desonra que se torna intrepida e bate-se com denodo e valentia desde que seja comandada por um chefe de animo resoluto, ao passo que a tropa aguerrida perde a força moral e nada fará de valimento se tiver á frente um chefe sem energia e prestigio e que lhe não inspire estima, nem confiança.

A *iniciativa*. Sempre que o soldado opéra fóra da direcção immediata do chefe, a sua missão tem uma certa latitude; deve então dar prova de sangue frio e proceder com a maxima energia no sentido de cooperar utilmente para o fim geral e, sendo possivel, causar o maior dâno ao inimigo, não devendo nunca

abandonar o seu posto senão na ultima extremidade. Assim, a iniciativa do soldado consiste, sobretudo, na maneira inteligente como executa as ordens recebidas e como aplica na frente do inimigo a instrução que lhe foi ministrada e a aptidão desenvolvida. Esta qualidade, sempre subordinada a uma exacta disciplina é, principalmente, exigida aos sargentos.

A *instrução* da tropa tem adquirido na guerra moderna uma importancia capital. O emprego das armas aperfeiçoadas, a necessidade do tiro a grandes distancias, a rapidez dos movimentos, o difficil e muito delicado serviço de segurança e dos reconhecimentos, etc., obrigaram a dar aos soldados uma instrução tecnica completa.

A nobre profissão das armas está longe de ser um mistér de indolentes e preguiçosos. O soldado deve trabalhar utilmente em cada dia, pelo menos, tantas horas, quantas trabalha um artista laborioso. E' necessario treina-lo nas marchas; obriga-lo a exercicios prolongados; acostuma-lo ao uso consciente e hábil da sua arma; formar-lhe e iducar-lhe o espirito por leituras militares e por conferencias no ponto de vista moral; em suma, desenvolver-lhe as aptidões fisicas e morais em vista da disciplina da guerra.

*

*

*

Os officiaes devem possuir, no mais elevado gráo, as *qualidades colectivas e individuais* necessarias aos soldados, e, muito especialmente, as de subordinação, de método, de fiscalisação e de ensino. Se é mistér que o official seja robusto, vigoroso e resistente ás fadigas e ás marchas, tambem se lhe exige que tenha firmêsa de character, iniciativa esclarecida, resolução calma e reflectida, gosto pelos mais elevados estudos, instrução tecnica completa, lealdade comprovada, e o sentimento da honra e do dever até á exaltação. Deve saber afeiçoar-se aos soldados por solicitude, por firmêsa benevolente e por espirito de justiça. Preocupar-se há a cada momento com a instrução e iducção moral dos sargentos. Dará em tudo o exemplo de ordem, precisão e vigilancia. Adotará para o seu proceder uma norma que lhe recorde sempre que a verdadeira energia consegue seu fim sem processos ambiguos, sem exageros e ostentação vaidosa de palavras, mas com tenacidade activa e inflexivel, comedimento

na linguagem e no trato para com os subordinados, e obediencia passiva, mas sem humilhação, ás ordens emanadas das categorias superiores.

E' mistér ainda, e de utilidade manifesta, que o official possua tambem conhecimentos gerais bastante solidos para ter de ocupar um lugar de honra entre homens ilustrados.

Acontece, porém, que alguns officiais se dedicam quase exclusivamente a occupações estranhas á das armas e a repetidas distracções na sociedade, perdendo assim os habitos da vida militar e despresando inteiramente o serviço e a instrução tecnica. Esses poderão ser promovidos em consequencia da sua colocação na respectiva escala de acésso e não por merito pessoal. Não grangearão a estima dos soldados, que, em regra, confiam mais nos officiais valorosos e instruidos do que nos brilhantes *herois de sala*.

Os officiais devem hoje, mais que nunca, ter uma constante preocupação: — profundar a sciencia militar; estudar a historia; adquirir por um labor incessante, pela experiencia e pela observação, instrução solida e as qualidades indispensaveis ao homem de guerra.

Agora, sobretudo, que a sciencia e o método dominam a arte da guerra, é necessario que o general, incumbido duma importante missão de serviço seja, antes de tudo, capaz de meditação e decisão.

Com efeito, diz-nos a historia, que os homens de guerra que realisaram feitos brilhantes, possuíam estas qualidades no mais elevado gráo.

E' no exercicio do *comando superior* que as mais altas e poderosas faculdades morais dum general teem de entrar em acção. Incumbe-lhe conservar em completa harmonia o vasto organismo que constitue o exercito e que os accidentes da guerra abalam e modificam todos os dias; reduzir a justas proporções a influencia que sobre êle exercem os acontecimentos da guerra; encarar com sangue-frio as mais complicadas situações; tomar a cada momento decisões prontas e seguras; dar ordens precisas e fazê-las cumprir com inflexivel energia; escolher os officiais e definir-lhes as responsabilidades; inutilisar implacavelmente os descontentes, os queixosos, os indisciplinados, os incompetentes; discernir a verdade no meio de inumeras contradicções, orientar e definir nitidamente o objectivo desejado e

marchar para êle com resolução, sem preocupações de qualquer especie.

Assim, pois, o general, para satisfazer a estas multiplas condições, deve possuir, entre outras qualidades, julgamento seguro; caracter firme e resolutivo; instinto organisador; memoria fiel; instrução militar e administrativa completa; particular habilidade para escolher os officiaes e emprega-los segundo suas aptidões e excitar-lhes a emulação por meio de recompensas conforme seus meritos.

A maioria destas qualidades são naturais, outras podem adquirir-se pelo estudo assiduo, pela experiencia e pela filosofia da guerra; a reunião, porém, de todas elas, num só homem, em perfeito equilibrio, possuindo ao mesmo tempo robustês fisica completa, daria o ideal dum comandante em chefe.

Alguns autores julgam que é indispensavel tambem que um general seja benevolo, eloquente, amavel, e até fino diplomata. Estas qualidades são em verdade muito sedutoras, mas estão longe de ser essenciaes e pouca influencia têm na direcção das grandes operações; pode mesmo dizer-se que elas não se conjugam ou conjugam-se mal com as rudes necessidades da guerra.

Que importa que o comando superior seja ou não amavel e benevolente se tiver resolução e caracter?

Pode ter-se como certo que as rudes virtudes e a sciencia pratica do homem de guerra são sempre a mais firme garantia do sucesso e inspiram completa confiança num chefe militar. E é para recordar que, em geral, os vencedores de batalhas não se distinguiram precisamente pela docilidade e amabilidade de um caracter. Di-lo a Historia.

*

*

*

Esta rapida analise, dos elementos do poder moral dum exercito, mostra claramente que, desde o soldado ao general, a resultante das forças morais deve crescer de posto para posto, ao mesmo passo que o campo da responsabilidade aumenta. Ora só por um bom sistêma de educação da mocidade, auxiliado por um programa da instrução militar nacional e applicado com método e inteligencia, poderão desenvolver-se nos soldados as necessarias e indispensaveis qualidades morais e

utilisa-las em proveito do exercito. Este desideratum, conseguir-se há, certamente, pelo valor dos chefes dirigentes, impondo-se lhes por uma vontade firme, dando ordens precisas, mostrando espirito forte e lucido e sabendo falar ao seu coração e ao seu patriotismo.

Quanto aos officiais, a tarefa é mais difficil e os resultados não serão tão seguros.

Após a saída da Escola de Guerra o official só pode aperfeiçoar-se proporcionalmente á sua aptidão, ao gosto e dedicação que tiver pelo estudo, ao afincio que votar aos seus deveres, aos bons exemplos que receber dos chefes, e ao incitamento que lhe produzir o seu amôr proprio.

Para fortificar o valor moral dos officiais e da tropa, em geral, afigura-se-nos, de bom conselho, que nas escolas se ensinasse aos mancebos, por modo atraente, a historia dos grandes homens de guerra e os episodios de coragem, dedicação e patriotismo dos cidadãos e soldados; que os officiais, nos quartéis, fizessem amiudadas conferencias aos soldados sobre os deveres militares, sobre factos historicos gloriosos, sobre a historia do regimento e sobre o valor guerreiro e o amôr pela Patria; que se estimulassem os sargentos, premiando com obras sobre arte e historia militar aqueles que, pelo estudo adquirido, pelo bom desempenho e compreensão do serviço da sua especialidade, mostrassem applicação e dedicação; que os officiais fossem condignamente recompensados quando apresentassem trabalhos sobre assuntos exclusivamente militares de comprovado valor, e só fosse facultada a entrada na Escola de Guerra, com destino aos serviços do corpo de estado maior, áqueles que dessem sobejas provas de instrução, capacidade militar e excepcional aptidão para o comando.

SOUSA E ALBUQUERQUE
Coronel

O COMBATE DE CAVALARIA

As doutrinas e a realidade

Pelo general Aubier

Desde há mais de quarenta anos que a questão do *combate de cavalaria* tem dado lugar a inumeras e apaixonadas controversias, sem que, no entanto, ela se ache ainda resolvida, nem em relação aos seus principios, nem em relação aos seus processos. A maior parte dos escritores militares não teem ido além dos preliminares do debate, limitando-se a discutir largamente a utilidade e a possibilidade de encontros da cavalaria, para o que, em apoio das suas opiniões, recorrem ás mais variadas hipoteses estrategicas, entre as quais, a violação da Belgica, ou do Luxembourg constituem o tema habitual.

Para nós, cavaleiros, essas discussões são superfluas, porque não nos compete perguntar, nem sugerir ao *comando superior* o emprego que espera fazer da nossa arma.

Mas nós sabemos, que a nova *lei dos quadros* vai pôr á disposição desse *comando* dez divisões de cavalaria; e sabemos tambem que a cavalaria alemã formará doze ou treze divisões.¹

Desta simples comparação resulta a certeza de que, quaisquer que sejam as missões que sucessivamente nos sejam destinadas, nós não poderemos dar-lhes cumprimento senão

¹ Eu sou daqueles que desejariam ardentemente que a nova *lei dos quadros* creasse na realidade a *unidade* da nossa cavalaria e lhe dêsse a possibilidade de ser organizada em treze divisões, com a condição de dividir uma delas em brigadas, quando o seu emprego em divisões completas se não justificasse. («La loi des cadres de la cavalerie» — Journal des Debats, des 25 et 26 novembre 1912).

depois de haver encontrado, e por consequencia combatido, a cavalaria contraria.

Quer se empregue, com efeito, a cavalaria em estreita ligação com as outras armas, ou se lhe confiêm missões mais importantes e independentes; quer se trate de descobrir e, em caso de necessidade, de retardar os movimentos das colunas inimigas, ou de proteger os das nossas proprias colunas; quer se trate de entrar nas linhas de comunicação do adversario, ou de impedir que ele entre nas nossas, de tomar parte no combate, de efectuar uma manobra envolvente, ou de a evitar, de constituir uma reserva movel, de explorar uma vitória com a perseguição, ou de cobrir uma retirada, por toda a parte e sempre, *volens aut nolens*, a nossa cavalaria encontrará no seu caminho uma cavalaria contraria numerosa, incomoda e pronta para combater.

Então, segundo uma expressão vulgar, mas característica «será necessario ir até ao fim, ou retirar».

Isto não quer dizer, de fórma alguma, que se deva, por principio, procurar os grandes duelos de cavalaria; mas unicamente acentuar bem que, em certos sitios e em determinadas ocasiões, principalmente nos flancos das reuniões de concentração, esses duelos poderão tornar-se inevitaveis.

Sobre esta eventualidade será escusado discorrer. No fundo destas discussões há um ponto essencial, que parece não ser notado pelos que se occupam deste assunto: é que não está sob a nossa alçada resolver estas contingencias, ignorando se haverá ou não uma guerra... ámanhã. Quando duas vontades estão em jogo, uma só não conseguiria impôr-se.

Que se seja ou não partidario dos combates de cavalaria, isso não tem, pois, senão uma importancia puramente teorica.

Na pratica, isto é, no estado actual da organização, da distribuição, da preparação e das tendencias da cavalaria alemã, a questão de doutrina encontra-se resolvida por uma situação de facto.

E' o que succede com essas eternas controversias entre os apologistas do combate a pé ou a cavalo, da intervenção pelo sabre ou pelo fogo.

O *caso concreto* imporá imediatamente e no proprio lugar, a solução que teoria alguma poderia préviamente indicar.

Atacar-se-ha a cavalo a cavalaria que guarnecer um ponto de apoio, uma aldeia, as orlas dum bosque? Contra esta mesma cavalaria, em terrenos descobertos e livres, ousar-se-ha ou poder-se-ha mandar apeiar? A verdade (e nenhum pratico de-verá ignora-la) é que uma cavalaria á altura do seu papel será obrigada, segundo as circunstancias, a combater a pé ou a cavalo, pelo ferro ou pelo fogo, e muitas vezes a combinar estes dois modos d'acção; mas sempre a solução decisiva será obtida pelo ataque á arma branca. E é por isso que só este ataque é ordinariamente designado por *combate de cavalaria*.

Admitidas estas premissas, poder-se-hia supôr que todos estão de acôrdo.

Mas não acontece assim.

E' aqui que precisamente começam as mais profundas dissensões. E' relativamente á natureza e á fórma do combate de cavalaria que se desenvolveram duas doutrinas opostas, as quais poderão caracterisar-se por duas palavras: a doutrina do *choque moral* e a do *choque material*.

Esta questão merece esclarecer-se e regular-se por uma vez, visto tratar-se nada menos do que da preparação da arma em tempo de paz, do seu emprego e do seu successo em tempo de guerra.

Se acreditarmos o que pensam alguns escritores, ou alguns chefes—e dos mais considerados—o combate de cavalaria não deveria terminar, e poucas vezes terminará, pelo choque rial. Entre duas linhas de cavalaria que se atacam, a linha dotada de coesão e de impulsão superiores, impressionaria a outra a ponto de a obrigar a fazer meia volta antes do encontro. E assim este combate resumir-se-hia a uma surpresa de manobra ou de evolução, seguida de um desdobramento coerente e rapido, cujo ascendente bastaria sómente para assegurar o bom exito: em uma palavra, produzir-se-hia apenas o *choque moral*, depois do qual um dos dois adversarios, voltando de redeas, teria de um lado a fuga e do outro a perseguição.

O choque rial, o corpo a corpo, a refrega, a luta á arma branca deveriam ser postas de parte salvo nos casos completamente excepcionais e teoricamente negados, em que o choque moral não tivesse produzido resultado.

Poder-se-hia crêr, em harmonia com as ideias do general

Durand, ¹ que semelhantes doutrinas, baseadas na pusilanimidade, para não dizer mais, de um dos adversarios, teem poucos sectarios. Se assim pensassemos, enganar-nos-hiamos por completo. Elas tiveram, e teem ainda hoje, partidarios convencidos a tal ponto que um deles, que não deixará de se reconhecer se chegar a ler estas linhas, me dizia no ano passado: Na minha brigada eu proíbo que se faça exercicio de refrega, para não deixar supôr aos meus regimentos *que a sua carga não teve bom exito.*

Nestas palavras se contem toda a doutrina.

Ela foi tambem expendida, ou antes reeditada, ultimamente pelo proprio general, que foi um dos seus mais ardentes protogonistas, na epocha em que, num curso que se tornou clasico, ele professava a tactica de cavalaria, na escola superior de guerra.

Convem reproduzir aqui a síntese:

«A cavalaria, escreve o general Cherfils ² é a arma moral por excelencia. *O seu choque não póde nem deve ser, para se tornar decisivo, senão um choque moral,* e o seu meio essencial a surpresa.

«Uma observação se verifica atravez da historia e que resulta mesmo da natureza do choque moral deste combate, é que *nove vezes em dez,* quando duas cavalarias se atacam, *uma das duas faz meia volta antes da outra, ferida, vencida pelo choque moral.*

«Se ha refrega é porque algum dos dois adversarios, no choque moral dos seus impulsos, não conseguiu levar vantagem sobre o outro para lhe despertar o panico . . . *«A refrega não é mais do que um combate de cavalaria de segunda ordem que teve mau exito.*

Não se pode ser mais explicito nem fazer mais completa abstracção de tudo o que constitue o choque material: o encontro, a luta á arma branca, a coragem e aptidão individuais dos combatentes. A cavalaria no combate reduzir-se-hia assim a um instrumento moral, cujo efeito irresistivel dispensaria que se recorresse ás forças materiais.

¹ General Durand, «Une doctrine sur le combat de cavalerie» *Revue de cavalerie, janvier 1912.*

² *Revue militaire generale, juillet 1913.*

E no entanto, deixando as regiões teóricas e as hipóteses doutrinárias, nós procurámos formar uma opinião pelo estudo dos Boletins e das Memórias do Grande Exército, ou pelas narrações de guerras recentes e chegámos ao conhecimento de que foi pelas refregas e a golpes de espada que os nossos antepassados do primeiro imperio desbarataram todas as cavalaria da Europa, em Austerlitz, Saalfeld, Iéna, Eylau, Friedland, Essling, Wagram; pela refrega e a golpes de espada que os nossos caçadores d'Africa, na Algeria, na Crimeia, no Mexico, em Marrocos, conquistaram a denominação de «carniceiros azues» e espalharam o terror entre os seus adversarios.

Se admitirmos que uma cavalaria é sobremaneira temível e pôde impôr o seu ascendente moral, que deseja chegar ao choque real, ao corpo a corpo e servir-se vigorosamente das suas armas; como poderemos desprezar o adversario a ponto de lhe recusarmos os mesmos dotes, as mesmas intenções? Como poderemos deixar de considerar a inevitavel eventualidade do choque material e de refrega? Chegámos, pois, a duas conclusões diametralmente opostas, depois de quarenta anos de estudos e de discussões.

*
* *
*

Eu não sei a que fontes foram beber as suas convicções os escriptores militares, que preconizam e admitem unicamente o choque moral.

Quanto a mim, em alguns estudos que tenho feito sobre o assunto (¹), eu tenho chegado, ou pelo menos tenho julgado chegar á convicção de que os combates de cavalaria, desde o de Zerndorf sob Frederico, até ao de Ville-sur-Yron tinham quasi sempre «nove vezes em dez», terminado pela refrega.

Principalmente nas memórias dos cavaleiros legendarios do primeiro imperio (tantos dos generais como dos simples capitães) encontram-se muitas descrições desses *corpo a corpo* epicos, nos quais se achavam por vezes envolvidos os chefes mais illustres, como Murat em Heilsberg, e Blucher em Ligny.

¹ «La cavalerie dans la guerre moderne» (*Revue des Deux Mondes*, 5 septembre et 15 octobre 1889). — La cavalerie napoléonienne pent-elle encore servir de modele? 1912.

Que se leiam em Marbot os combates de cavalaria de Eckmuhl ou de Polotsk; em Colbert o combate de Hoff, e especialmente a famosa carta em que Murat expõe ao imperador as peripecias que se deram: em Curély os combates de Zehdenick e de Alta-fulla; em Parquin os de Guttstadt, de Heisberg e de Amstetten; em Dupuy a carga do 8.º de hussards contra os dragões da Saxonia em Iéna; as das divisões Montbrun e Grouchy em Wagram . . . , em todos se confirma que esses ataques terminaram pelo choque material e pela refrega e em parte alguma se vê que as linhas de cavalaria, depois de se haverem desenvolvido e lançado ao ataque, tenham feito meia volta sem combater.

E mais modernamente, em 1866, as divisões da cavalaria austriaca Holstein e Condenvove, em Sadowa, não tiveram, perto de Stressetiz, a sua refrega com as divisões da cavalaria prusiana de Weyern e Alvensleben, refrega em que as couraças dos cavaleiros austriacos rapidamente lhes alcançaram vantagens?

Ha menos tempo ainda, em 1870, não é verdade que, em Ville-sur-Yrou, só depois de vinte minutos de refrega e ao toque de reunião, terminaram as cargas desordenadas das duas cavalarias adversarias?

E' certo que eu não pertendo apresentar, como exemplo, choques de encontro sem coesão, sem ligação e sem direcção; mas depois de haver citado alguns que pódem ser considerados como modelos, eu tenho em vista simplesmente fazer notar que todos os combates de cavalaria, bem ou mal dirigidos, terminam geralmente pela refrega.

E se, deixando o estudo do passado, nós abordarmos o do futuro, se do exame dos factos passarmos ao das hipóteses, eu dirigirei simplesmente aos partidarios do choque moral a pergunta, que dirigi ao general, a que acima me refiro, e que na sua brigada proibira o exercicio da refrega.

Com toda a franquêsa, vós acreditais que a cavalaria alemã, mais forte, ou julgando-se mais forte, pelo numero dos seus regimentos, pelo efectivo dos seus esquadrões, pela estatura dos seus homens e dos seus cavalos, pela adopção generalizada da lança, por uma longa preparação profissional dos seus cavaleiros, vivendo, além disso, das mais recentes tradições da vitória, vós acreditais sinceramente que esta cavalaria, sendo

tambem muito instruida, muito preparada e decerto sempre disposta para a offensiva, vá fazer meia volta ante a simples ameaça de uma manobra ou de um desenvolvimento bem dirigido? E se vós o não acreditais, se não estais bem seguros disso, vós admitis então, para justificar a vossa tése, que a vossa cavalaria é que procederá dessa fórma?

Eis o dilema.

E se, o que é muitissimo provavel, os dois adversarios se deteem um em frente do outro, o que acontecerá a esses cavaleiros que vós tereis habituado á ideia de que os esquadrones inimigos se porão em fuga deante do seu ataque; o que acontecerá a esses combatentes que, por principio, vós não tereis nunca preparado para a refrega? Acontecerá — segundo a expressão do principe de Ligne — «o que acontece a todos os homens quando se produz um facto no qual nunca pensaram». A falsa confiança que vós lhes houverdes inspirado transformar-se-ha em assombro, em medo.

Tômai cuidado, não se repita, por culpa vossa, a terrivel «surpreza» que experimentou a cavalaria prussiana em 1806.

Vivendo de gloriosas tradições, mas esquecendo-se dos seus verdadeiros ensinamentos, muito versada na arte das belas evoluções e das subtis manobras, que todos os exercitos da Europa iam admirar a Postdam, esta cavalaria dava ás outras, e a ela propria, a ilusão de «ser a primeira do mundo». Imaginava-se que bastaria ella aparecer nos campos de batalha, para que qualquer adversario perdesse a ideia de atacal-a. Em particular, a cavalaria francêsa das guerras da Revolução e dos primeiros anos do imperio era objecto das suas zombarias.

Foi neste estado de espirito que ella se apresentou em Saalfeld e em Iéna, defrontando-se com soldados rudes, desdenhosos das complicações das manobras, mas confiantes no vigor dos seus pulsos e na ponta dos seus sabres. E foram estes cavaleiros que lhe inflingiram a mais severa, a mais sanguinolenta lição que a historia tem jamais registado. E' que elles iam para o ataque com a ideia preconcebida de tocar o adversario, estabelecer a refrega e abater á estocada o maior numero de inimigos.

Para chegar a este corpo a corpo não se excitavam pela velocidade e o mais intrepido dos seus chefes fazia-os, por ve-

zes, carregar ao tróte, dizendo dos que golapavam doidamente: «aqueles estão *encravados*»!

Lasalle, mais ainda do que de Brack, não teria tido nunca a ideia de ensinar aos seus cavaleiros que deveriam vencer pelo choque moral e que a refrega era um combate secundario.

Com efeito, este ultimo no capitulo «*Des charges*» do seu legendario tratado dos postos avançados da cavalaria ligeira, diz: «Uma carga tem o seu momento de impulso, o seu momento de refrega, depois o de hesitação e finalmente o de retirada. Sêde firmes no segundo e terceiro momentos e a vitória pertencer-vos-ha».

Assim na opinião deste brilhante cavaleiro do primeiro imperio, deste discipulo dos Lasalle, dos Montbrun e dos Curély, sob as ordens dos quais ele combateu, não é a carga, mas sim a refrega, que unicamente pôde provocar no adversario a hesitação e a retirada: «sêde firmes durante o, segundo e o terceiro momentos» o que quer dizer: «feri muito e durante muito tempo».

*

*

*

Basta evocar tambem a feição habitual dos ataques de cavalaria para se notar que a tal meia volta antes do choque, *nove vezes em dez*, não seria materialmente possivel.

Nos terrenos de exercicios de guarnição, muito imprópriamente denominados de manobra, tentam-se efectuar belos ataques de frente e de flanco contra bandeirolas, para produzir o que se chama «surpresas de *evoluções*». Mas quando se chega ás grandes manobras e contra um inimigo rial, com os seus movimentos livres, pôde julgar-se feliz o que pela exploração habil do terreno, ou pelo jogo da guarda avançada puder preparar uma surpresa de *manobra*, isto é, a iniciativa do ataque e a prioridade do desenvolvimento.

No momento do choque real, «*nove vezes em dez*» todos os elementos se provocam e travam combate frente a frente. Se os desenvolvimentos forem ousadamente executados, apesar da recomendação de parar a 100 metros, das vozes de «alto, alto» dos officiais, e dos toques de direcção, as linhas serão arrastadas quasi sempre até a alguns passos do contacto.

Como poderá imaginar-se que na guerra e na realidade,

aquelas linhas, chegando face a face, poderiam evitar o choque e que uma delas conseguiria fazer a meia volta? Ser-lhe-hia materialmente impossível.

Quer isto dizer que os dois adversários vão, no máximo da velocidade, despedaçar-se um de encontro ao outro num choque semelhante ao embate de dois comboios expressos? Nunca se pensou nisso. E é desta ideia, sem dúvida, é da impossibilidade de na guerra se conceber o choque formidável que *nas manobras* pareceria dever produzir-se, que nasceu a doutrina do choque moral.

Não sejamos tão absolutos, nem tão obstinados e saibamos transigir com as exigências das realidades da guerra.

Estas realidades previu-as bem o valente soldado, que é também um escritor distinto, Ardant du Pieq, coronel de infantaria.

«As manobras de cavalaria são ameaças que os mais fortes sabem vencer. Mais do que o homem isolado o cavaleiro na fileira não deseja despedaçar-se muro contra muro, ao choque do inimigo . . . , os dois partidos evitam o choque, detendo-se face a face».

Até aqui o quadro é de uma verdade flagrante, mas este vigoroso pensador era um infante; nunca comandou esquadrões, jámais cavalgára á frente de uma carga, ignorava a dinâmica da arma. Se assim não fôra, depois de nos levar até ao limiar da realidade, não teria concluído rapidamente: «Uma das duas cavalarias hesitará, desorganizar-se-ha e, desordenada por completo, *voltará as costas ante a decisão da outra*».

Eis o ponto fraco do raciocínio, o erro capital de um grande escriptor, não ha duvida, mas que não tendo sido um profissional da cavalaria, não tendo pertencido a esta arma que, segundo a expressão legendaria «é a característica da especialidade», nunca viu, nunca sentiu que duas cavalarias, dirigindo-se uma contra a outra, na máxima velocidade, podem com efeito evitar o choque pela hesitação ou diminuição dessa velocidade, mas são então material e dinamicamente obrigadas a penetrar-se, a atravessar-se e, mais ou menos resolutamente a combater.

Sómente o cavaleiro de Brack nos dá a nota exacta, nos define a carga em quatro palavras: «O momento de impulsão, o da refrega, o da hesitação e o da retirada». E' a realidade vivida.

Ardant du Pieq compôz o quadro pelo instincto e pela imaginação, mas esqueceu a nota essencial; a refrega. Os seus admiradores, comentando e amplificando o seu pensamento, creáram uma legenda perigosa, que não póde resistir nem ao estudo da historia nem á logica dos factos!

Mas a doutrina do choque moral não tem só o inconveniente, em tempo de guerra, de expôr os nossos cavaleiros a graves desenganos e a terriveis decepções; oferece tambem o perigo de, em tempo de paz, fazer descurar o verdadeiro caracter da preparação para o combate.

Se, com efeito, se trata simplesmente de provocar no adversario um choque moral, uma surpresa, é preciso, pois, antes de tudo, imaginar os processos que produzirão essa surpresa. E' necessario enganar-o emquanto ao momento e direcção do ataque, entretel-o sob um protexto qualquer e subitamente apparecer-lhe de flanco. E, por isso que esta aparição inopinada deverá bastar para provocar a derrota do adversario, a manobra, desde logo, não constitue apenas um meio, mas tambem um fim. Por si só deve ser sufficiente para produzir o resultado desejado.

É este o alvo que tem sido visado por toda a escola de táticos modernos, a genesis dessas subtilidades de terrenos de manobras, desses dipositivos e desses escalonamento complicados, em duas palavras, dessa verdadeira crise de *diletantismo tactico* que, ha uns dez anos, tanto tem prejudicado a nossa arma.

Eu não recordarei os nomes de todos aqueles que, mais ou menos, provocaram ou sofreram esta crise. Poucos escaparam. Eu proprio, confesso, fui o primeiro que, no começo, me deixei talvez arrastar um pouco por essa influencia; com tudo posso fazer-me a justiça de afirmar que a ela me subtraí prontamente.

Tal qual como um cavaleiro que, tendo sido instruido nos sãos e simples métodos de equitação de Saumur, se absorvesse, por um momento, nos sabios e complicados processos de um senhor Fillis! Bem depressa chegaria á conclusão de que,

se a alta escala é atraente sobre a pista bem unida de um picadeiro, não acontece o mesmo quando em terreno livre e variado.

Actualmente, com o serviço de dois e três anos, é indispensavel reduzir a manobra á sua mais simples, mais rapida, mais energica e mais violenta expressão.

Nos tempos do primeiro imperio, quando os esquadrões contavam um grande numero de soldados velhos, aguerridos em longas campanhas e em numerosos combates, com inteira confiança no seu sabre e na sua boa vontade em se servirem dele, podia-se impunemente manobrar, por assim dizer, *nas barbas* do inimigo. Tinha-se a certeza de que, retardando o momento do choque rial, não se abatia o moral dos combatentes.

Mais tarde quando esses velhos cavaleiros desapareceram, a maior parte mortos em Hespanha e na Russia, e se formaram os esquadrões com soldados novos, os generais experimentados de cavalaria, simplificando os seus processos, esforçaram-se, depois de haverem conduzido as respectivas tropas ao seu ponto de intervenção, por as lançarem rapidamente no ataque, bem em frente, sem olharem para os lados. A maneira como Pajol dirigiu a carga de Montereau é o tipo mais acentuado e mais caracteristico deste processo de ocasião. Não é recomendavel, mas prova com que destreza e com que energia os chefes daquela época sabiam adaptar ás circunstancias os meios de que dispunham.

Quando se demora o momento da carga, com soldados novos, corre-se o risco de os tornar menos combativos, podendo certas habilidades de manobras ser interpretadas como processos dilatorios para retardar, ou mesmo para evitar a acção principal e decisiva: o choque real.

Além disso pode tambem fazer-se-lhes supôr que este acto tem apenas uma importancia secundaria, quando na verdade é o unico que poderá resolver a crise.

Emquanto a essas longas discussões sobre as vantagens e os inconvenientes da ordem linear ou da ordem profunda, do ataque disposto no sentido da largura ou do comprimento, pelo deslocamento simultaneo dos grupos de combatentes, ou pelo lançaõ sucessivo dos escalões, deverão ser consideradas como recreios de espirito. Nos campos de batalha cada um manobra segundo o seu temperamento.

E' do temperamento do chefe, do seu golpe de vista, do seu espirito de decisão, secundados pela destreza e maleabilidade das tropas, que se colherá, mais do que da applicação de uma formula teorica, um bom resultado.

Deixemos, pois, a cada chefe o cuidado de dirigir o combate, segundo as suas aptidões, as circunstancias e os terrenos. O essencial é que o dirija. E isto evitará esses encontros desordenados, de que é um dos mais flagrantes exemplos, o combate de Ville-sur-Yron, no qual todos os elementos se precipitaram sem plano d'acção, sem direcção, sem ligação, substituindo-se, em suma, as criteriosas prescrições do comando pelas circunstancias fortuitas do acaso.

No conjunto do combate de cavalaria, que nos apresenta em resumo e com uma rapidez quase instantanea, o desenvolvimento normal de todo o combate: entrada em acção da guarda avançada, abertura do fogo de artilharia, combinação de um ataque de frente e de flanco, e intervenção de uma reserva, é preciso assinar a cada um a parte que lhe compete.

Ao comando superior: a organização e a distribuição, que assegurarão a superioridade numerica num certo ponto e num momento dado.

Ao comandante da cavalaria: a marcha de aproximação resolutamente dirigida e as disposições rapidamente tomadas, que alcançarão para as tropas as vantagens do terreno e a prioridade da ofensiva, sendo nisto que consiste sobretudo a *manobra*.

A's tropas: o vigôr e a coesão no ataque, o desejo ardente de se lançarem ao embate energico contra o adversario e de ferirem forte e firme na refrega. E eis aqui em que consiste principalmente o *combate*, o qual é, finalmente, um acto de energia e de violencia, em que o apêlo á força e o recurso ao sabre se reservam como *ultima ratio*.

Na ocasião em que todos os exercitos e todas as armas, depois das recentes guerras da Mandchuria e dos Balkans, reconhecem que se enganaram, admitindo a inviolabilidade das frentes, e que as mais belas manobras não poderiam dispensar de chegar finalmente á acção decisiva, ao ataque á baioneta, ao assalto, a cavalaria daria, na verdade, um espectáculo extranho se pretendesse, sómente ela, por artificios de tactica, eximir-se aos riscos materiais do choque e da refrega.

E para concluir repetirei o eterno exemplo, que tantas vezes tenho citado :

*Quando se consultam os quadros indicativos dos efectivos do exercito alemão em 1870-71, e o quadro das perdas sofridas durante a guerra (anexo á obra do Grande Estado Maior alemão), averigua-se que em 1.113:000 homens (63:000 cavaleiros), que transpuzeram a fronteira francêsa, o total das perdas foi de 123.000, dos quais só 3.000 pertenciam á cavalaria, sendo 211 officiaes e 2.827 praças.

Relembremos o que succedeu com a cavalaria do primeiro imperio e nós verificaremos com espanto e admiração que nas cargas d'Eylau e d'Essling, os regimentos de cavalaria combatentes, que eram mais de vinte, perderam cada um cerca de 80 a 100 cavaleiros.

Assim a reserva de cavalaria do Grande Exercito, no tempo das armas de pederneira, perdeu tantos homens, em duas batalhas, como toda a cavalaria alemã, no tempo das armas aperfeiçoadas, em oito meses de guerra! Eis aqui uma cavalaria pelo menos que sabia arriscar-se para vencer! E isto explica, melhor do que todas as abstracções e do que todas as doutrinas, a razão por que esta cavalaria conseguiu tornar-se um agente poderoso e eficaz na guerra, ao passo que nas campanhas recentes, o temor exagerado das perdas e o desconhecimento ou incerteza dos meios de acção, têm provocado o dogma da sua impotencia.

Não é verdade que este simples paralelo exprime melhor e constitue um mais claro ensinamento do que todas as discussões doutrinarias? Não bastará rasgar o veu, varrer do nosso espirito todas as abstracções teoricas, convencendo-nos de que a ostentação das subtilidades tacticas não conseguirá manter-se um só momento contra o impeto irresistivel de uma cavalaria resoluta, inteiramente decidida a chegar até ao fim, a impôr a refrega, e a combater á arma branca?

Ousemos, pois, encarar a verdade bem de frente e enveredar definitivamente pelo caminho que conduz á vitória.

O momento nunca foi mais propicio e o terreno acha-se bem preparado.

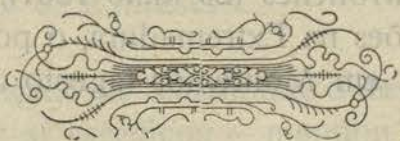
O entusiasmo com que a nossa mocidade acolheu o serviço de três anos, o desenvolvimento sempre crescente dos sports mais perigosos, o ardôr e a audacia de que, todos os dias, nos

hipodromos e nos ares, dão provas os nossos oficiais e aviadores, tudo isto nos faz presagiar que nos bastará manter a nossa cavalaria no verdadeiro caminho, sustentar-lhe mais energicamente o gosto pela refrega e o culto pela estocada, para que ela se torne uma arma poderosa e temível.

Tenhamos menos confiança nas subtilidades e nos artificios e diligenciemos tornar novamente, a nossa cavalaria forte e simples, pois que foi esta sempre a característica das cavalarias victoriosas.

(Tradução de FRANCISCO DE MAGALHÃES).

Bernardim Figueira de Andrade



NO TEMPO DOS FRANCESES

(Continuado da pag. 204)

VIII

Bernardim Freire de Andrade

Há no triste acabar deste homem o que quer que seja de grandiosamente tragico, que nos obriga a curvar respeitosos e reverentes perante a vitima a tremer de pavôr e raiva ante os algôzes.

O seu glorioso passado — como homem e como official — deveria tê-lo posto acima da suspeição *de traidor*, que o matou.

O bravo tenente-coronel do Roussilhon e da Catalunha, o ferido da Montanha Negra (17 novembro 1794), o unico herôï da vergonha de Arronches (29 maio 1801), o comandante do Exercito de operações na Extremadura, o portuguez que, á recusa de Wellesley, em Montemór (agosto de 1809) responde, mui simplesmente:

— «*Pois bem ; brigaremos sem pão !*»

o general, por último, que acabava de disputar e repelir as tentativas do duque de Dalmacia, na passagem do Minho, tinha direito a que o povo o aclamasse num delirio de entusiasmo, em vez de o trucidar num furor de selvagem...

.....
Soult lá vinha pela estrada das Boticas, Altura, Ruivães...
Em Braga, a *Junta da Salvação Publica*, patriotica, mas bronca; fanática e sanguinaria, declarou a

Patria em perigo !

E apregoando pela bôca de muitos frades — seus emissarios — a resistencia ao inimigo, defendia, a par, a desobediencia aos chefes militares, como se a grande massa, falta d'armas, quase sem polvora e por inteiro divorciada da disciplina, pudesse fazer, com a simples inercia dos seus corpos, obstaculo serio aos aguerridos e numerosos soldados de Soult!!!

A 16 de março a cidade era uma grande romaria.

O alto comercio fechára; só as tabernas abarrotavam! As ruas e as praças regorgitavam de gente, aos bandos, em volta dos balsões e galhardetes hasteados, distintivos dos seus chefes. Carros, cheios de pão e de vinho, formavam cerrados, que, companhias de ordenanças guardavam com infedilidade. Rapazes brincavam pelas ruas com as pipas esvasiadas. Nas janelas apinhavam-se os burgueses receiosos e espantados. E por toda a parte, mulheres de infima especie, corroídas de crapula, ofereciam-se, em esgares patuscos, á lascivia alcoolica dos *defensores* da cidade levitica.

Perdida a dignidade humana, imperavam os instintos os mais abjectos.

Era assim, no meio dum prazer asqueroso, em dançar obsceno — umas Lupercais sem grandeza! — que eles se preparavam para receber os franceses!...

Soult — escorraçado de Salamonde o destacamento de regulares que o dever aí sacrificou — mandou bater á pressa para Braga.

A 17, Bernardim Freire, desanimado e escarnecido já, ordenou a retirada sobre o Porto, cidade que o governo confiára a sua immediata guarda.

Livre de peias, a multidão deu curso á sua raiva.

Agrupada, fremente, entrechocando-se, ergue ao ceu as imprecações da sua colera, a ponta das suas armas brancas, o bico dos seus páos de crim. Que estranho e temeroso animal — *a multidão!*

Assim, ingente, rabido e versatil, os balsões e galhardetes flutuando incertos, ao sabôr do vento, eram como que a *cabeça*, o *tope* que a dirigia!

A prudencia do general foi tomada á conta de *traição* :

— Ele, um *jacobino!* A sua retirada, uma *fuga!*

Num pregão desvairado e rouquenho, coleando pelas ruas as voltas do seu corpo anélido, herculeo e viscoso, blasfêmava :
— «Quem nos leva ao inimigo?!»

As vigias das bandas do Porto deram sinal de aproximação de tropa. Eram os de Tabosa que chegavam.

— Viva, viva!

E traziam preso o Bernardim!

— Viva, Viva!

E marcha a pé, desarmado, seguro pelos braços, o *traidor!*...

— *Má-tâl'o, má-tâl'o!*...

O general, forte, de cincoenta anos, ao encarar a multidão que o ameaçava, que o escarnecia, que o apedrejava, presentindo o horrôr da morte que ia sofrêr, num momento de fraqueza semelhante ao de D. Pedro, na vespera d'Alfarrobeira, succumbiu. Numa angustia de naufrago, relanceava em volta de si olhares esgaseados, procurando, em vão, entre aquelas caras patibulares afogueadas pelo vinho, contorcidas pelo desvairamento selvagem, um rosto amigo, um braço protector, que o salvasse da afronta daquele acabar inglorio!

A ponto, novo aviso, agora dos lados do Prado...

E' o barão de Eben que chega da Galiza.

— Viva, viva, viva o general! Morte ao traidôr! *Má-tâl'o, má-tâl'o!*...

O prussiano — alto, branco e fleumatico — á porta do quartel general, diferençou na frente do magote que para ele se dirigia, o rosto transfigurado de Bernardim Freire, cuja honrada farda rasgões desprestigosos maculavam já!

Tomado de respeito, Eben, fez-lhe, reverente, a continencia militar. Procurou falar-lhe. E *ele*, sob a mesma impressão de momento, respondeu-lhe apenas:

— Salvai-me!

O barão, quiz á força recolhe-lo em casa. Dessa pequena luta saiu Bernardim ferido com uma estocada por baixo dum braço. A populaça estimulada pela resistencia, rompeu em altos brados:

— *Má-tâl'o, má-tâl'o!*

Temendo que a presa se lhes fosse escapar, cercam o quartel general e perdem, contra ele, algumas balas que lhes faltaram depois, atirando sobre as janelas e portas!...

Atristado e aflicto, Eben, mandou tocar a rebate, como derivativo.

As ordenanças formam em linha, mas a revolta não diminue.

Natureza fria, pratica e azeda como a cerveja, o prussiano não podia t er a inspira o dum desses rasgos de cavalaria meridionais, que deslumbram e acabam por vencer a alma popular ingenua e quixotesca. Batalhado pelo temeroso aperto, o seu cerebro entenebreceu, e apenas poud  propôr:

— Que o levassem   cadeia.

— A' cadeia,   cadeia, o traid r! — vomitaram uns.

— *M -t l'o, m -t l'o!* — insistia o maior número.

Pelo caminho, o infeliz Bernardim, acompanhado pelo barão e pelo balseiro da populaça, rogava de quando em quando:

— Salvai-me!

Havia na súplica sentidissima, antes a vergonha de acabar assim, do que o m do de sofrer a morte.

Corridos os últimos ferrolhos, o velho Eben, soltou um suspiro de alivio:

— O seu general estava salvo, talvez!

— Levai-nos ao inimigo! — ameaçava a multidão.

— Pois vamos, rapazes! — concordou o alemão, sem transporte, no proposito raciocinado de os afastar da cadeia, na persistencia caracteristica dos determinados.

Tocou de novo a rebate. Reformaram-se as ordenanças. Atrelaram-se ou jungiram-se os carros das ra oes . . . E o Eben l  os foi conduzindo ao sacrificio, para as bandas de Carvalho d'Este . . .

Na Senhora a Branca, os gritos daqueles que o saudavam general em chefe, foram suplantados pelo ruido das descargas, vindas dos lados da cadeia.

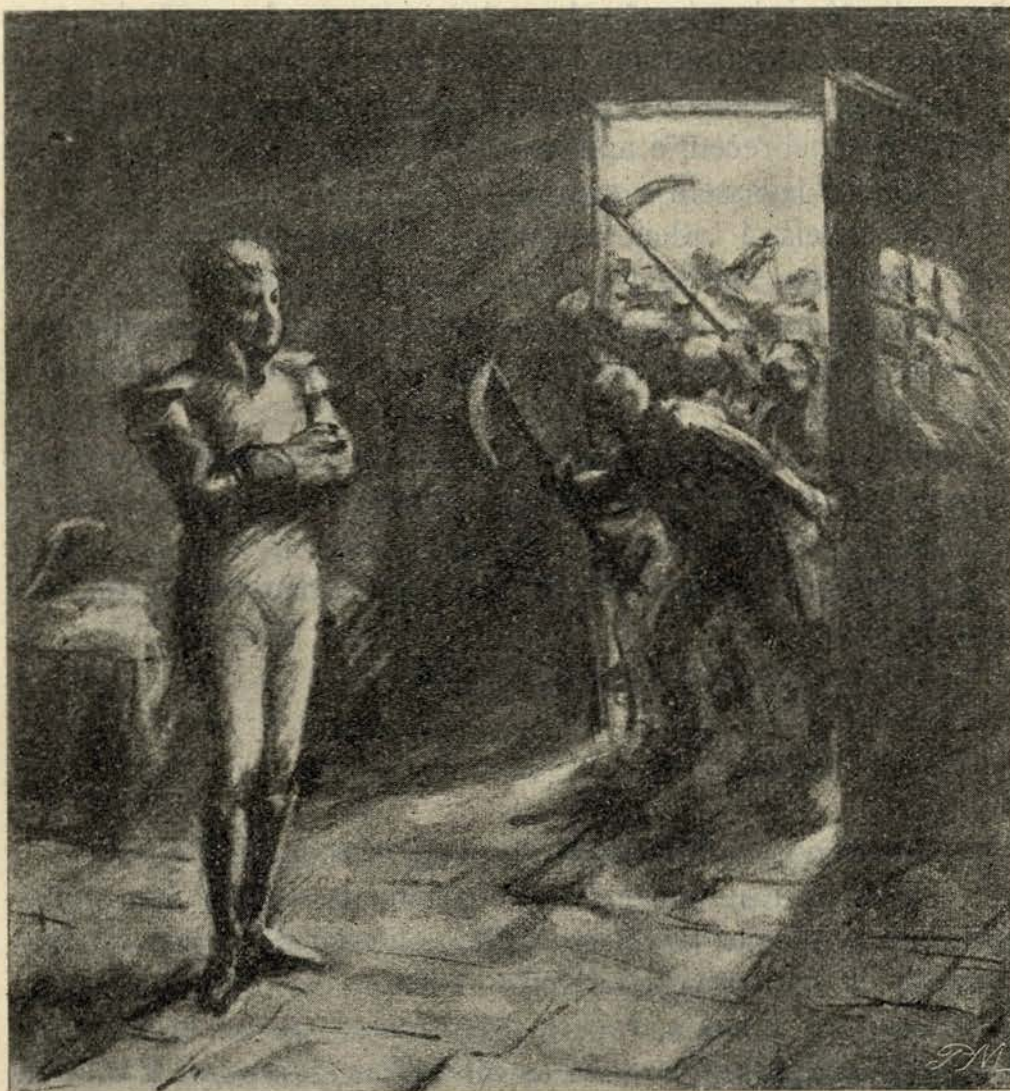
Eben, supersticioso, teve um presentimento.

Em volta dos negros muros de prisão bracarense a tempestade serenada um instante, rugia agora mais temerosa e carregada.

Bernardim Freire de Andrade, caído sobre um banco, a cabeça pendida para o peito, nem já escutava o

— *Má-tâl'o, má-tâl'o!*

que os algozes uivavam, no seu estribilho de chacais!



A' força de alavancas arrobaram as portas. Subiram, vasculharam, revolveram e deram, por fim, com *ele*, parado imovel e silente a um canto . . . O general, de pé, descoberto, de braços cruzados nas costas esperava-os com a coragem da resignação. Aquela onda — a escoria da cidade — parou um momento, levantando os chuços!

A serenidade do general detivera-a!

Um tiro detenou, porém. A bala partiu e varou do peito ás costas aquele heroe de tantas batalhas!

O corpo gigantesco do Bernardim, recuou um passo, tocou a parede e começou descendo de manso, mansamente, na flacidez dos mortalmente feridos . . .

Os chacais poderam então avançar. Enriscaram os chuços. E dobrados doidos, medonhos correram sobre *ele*, a completar o assassinato — leve na consciencia — anonimo, duma população que se vingava dum traidor! . . .

Livido, avançou as mãos crispadas para aquela onda de ferro, que se encastelava ameaçadora sobre *ele*, como se assim — expirante e indefeso — lhe pudesse contar a furia sanguinaria! Crivado de estocadas e de balas, ajoelhou primeiro sobre o joelho esquerdo e tombou, por fim, para este lado, como um grande roble que se abate, com nobreza, gemendo, mas resistindo aos machados irreverentes.

E o general, morto já, olhava-os sem descanço, na fixidez espasmodica do seu transe derradeiro! . . .

Insatisfeitos com sangue, exautoraram-no e roubaram-no; quebraram-lhe a banda, arrancaram-lhe as dragonas, apossaram-se-lhe da carteira e expoliaram-no da bolsa!

Ebrios da façanha, foram, de corrida, levar tudo ao Eben, ao novo general, que, bom alemão e fatalista, viu confirmados os seus presentimentos.

Quasi ao lusco-fusco, ao fim dum pequeno combate, 2 mil francêses acabaram de acutilar essa bandada de guerreiros que Braga posera de atalaia na estrada de Traz-os-Montes.

A Historia diz, porém, e dirá sempre, que, nem todo o sangue português que nessa tarde regou os pendores do passo de Carvalho d'Este, pode lavar a nodoa daquele que correu — horas antes — dentro dos muros da cidade.

E' interessante sob mais dum aspecto o officio em que o barão de Eben relata os sucessos de Braga.

Ao lê-lo, não sabe a gente de que mais pasme: se de comovedora simplicidade do descritivo, se da despreocupada levesa com que se consentiu no assassinio, se, finalmente, da tacita, ingenua e repreensivel confissão de impotencia, estampada por todo ele.

Desprevenidamente, sabendo-se que Eben contava por si mais de 300 soldados de 1.^a linha (da *Leal Legião Lusitana*,

levanta-se no nosso espirito o reparo, quiçá, justiceiro, que nos faz dizer: a sentença absolutoria do conselho de guerra que isentou da mancha da cobardia, o procedimento de Eben, não o redime, perante a Posteridade, da evidente falta de energia com que se houve no apertado lance.

Com 300 baionetas subordinadas, custa a aceitar que não pudesse conter e repelir até, essa cafila de indisciplinados, ou de bebados que, num furor selvatico, trucidou o brilhante official que foi, no exercito portugûes, Bernardim Freire de Andrade.

Segue desse officio a passagem que se refere ao torpe assassinato do governador das armas dentre Douro e Minho:

•
 «Havendo recebido ordem do general Bernardim Freire para me retirar a Braga — escreve o Eben — cheguei a esta cidade ao 17 do corrente e achei tudo na maior confusão; as casas estavam fechadas, o povo corria pelas ruas, armado de piques e espingardas, e logo que me reconheceram, me saudaram com muitos vivas. Não podia eu saber a razão disto, mas chegando á praça, fui detido pela multidão da populaça, que pegou nas redeas do meu cavallo, exclamando em altas vozes, que estavam prontos para fazer tudo o que fosse necessario, para defender a cidade, pedindo-me que os ajudasse e falando-me no seu general nos termos mais ignominiosos. Eu prometi-lhe fazer tudo que estivesse no meu poder para ajudar o seu zelo patriotico; mas disse, que primeiro devia falar ao general. A isso permitiram-me o ir adiante, acompanhado por cem ordenanças.

«Pouco tinha andado quando encontrei o general a pé, seguido de grande multidão armada, e não deixavam passar ninguém; e querendo eu faze-lo, ameaçaram que me fariam fogo. Fui portanto obrigado a voltar o meu cavallo, o que o povo muito aplaudiu.

«Dois homens seguravam o general pelos braços, tendo-lhe tirado a espada. Fui para a casa que tinha mandado preparar para a minha residencia e para ali levaram o general a quem eu saudei com acatamento, o que desgostou muito o povo. Falando eu ao general não me dava outra resposta senão:

«*Salvae-me!*

«e a multidão tudo era gritar:

«*mátalo, mátalo!*

«Eu peguei dêle e o quiz á força meter para casa, quando um homem o feriu levemente com a ponta da espada por baixo dum braço. O povo cercou-nos e forçou-nos a sair da porta.

«Eu, para lhes fazer uma diversão, mandei tocar a rebate e formei as ordenanças em linha, mas o povo continuou a fazer fogo sobre a minha casa onde estava o general. Ultimamente, para o salvar, propuz que fosse conduzido á prisão.

«Julguei que o tinha salvo; mas o povo pedia que o levassem contra o inimigo, que a esse tempo avançava rapidamente em número de 2.000 homens.

«Com efeito formei a gente e avancei com ela; mas pouco depois, ouvindo outra vez tiros, fui informado que haviam morto o general e dois homens me apresentaram as dragonas e os papeis do general, que eu por consequencia não aceitei, ordenando aos homens que os levassem ao Porto e fizessem ao bispo uma relação verbal do que se tinha passado ¹».

IX

Puebla de Sanabria

Iniciara-se a invasão de Massena.

Caíra Ciudad-Rodrigo. Almeida resistia ao cerco que havia de terminar em breve, tornando-a uma cratera de vulcão extinto, após o explodir do paiol, que, na noite inolvidavel de 26 de agosto de 1810, iluminou e encheu o espaço, com o sinistro reverbero das suas chamas, com o temeroso ribombar do seu explodir!

Almeida, um relampago! A guerra, uma desnaturaçãõ!

Os propios inimigos se maravilham!

Junot, ao sentir o abalo gigantesco, sai do seu quartel general — uma ampla e faustosa barraca de campanha — vai, olha e pasma! Sem poder contêr-se, vòa a chamar a mulher:

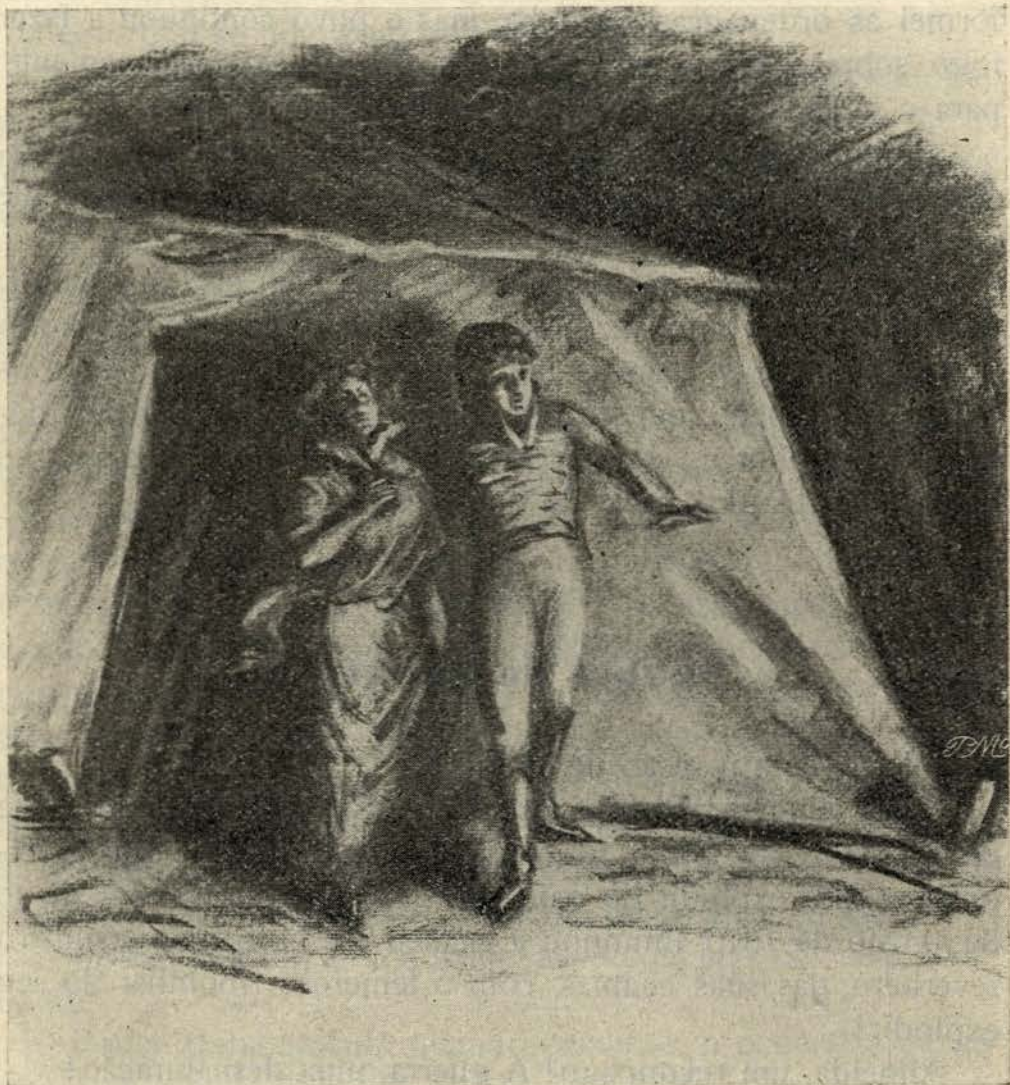
« — Vem vêr, Laura, vem vêr! Que espectáculo! Almeida, arde!» ².

¹ A. Taveira de Magalhães, *logar citado*.

² *Memoria biografica do coronel, Francisco Bernardo da Costa e Almeida*, por João da Silva Mendes, pag. 203.

Importa exarar nesta altura o meu publico agradecimento ao distincto

No fim de julho, os 5.000 franceses da divisão Serras, abeiraram-se do N. do país, depois de terem escorraçado de Puebla de Sanabria os hespanhois do Taborda Gil.



— *Eles aí veem; eles aí veem outra vez!!* — noticiam, consternados, os fugitivos fronteiriços transmontanos.

Silveira, o conde de Amarante, de observação em Bragança, suspeita assim do perigo que o ameaça. Manda partir um es-

aluno do 5.º ano da Escola de Belas Artes, de Lisbôa, e meu desinteressado amigo e primo Alberto de Lacerda.

Concorrendo, com a arte do seu carvão, para valorisar e tanto os meus episodios historico-militares, dispensou-me mais um favor a juntar a tantos que já lhe devo, quer como homem, quer como artista.

quadrão do 12, em descoberta, e após ele a 1.^a brigada de milicianos. O coronel Wilson — o comandante do destacamento misto português — volta trazendo-lhe a boa nova:

— O Serra, retirou para Momboy, deixando no castelo de Puebla, como guarnição, o 3.^o batalhão suíço, o de Sraferieed.

O espirito imaginoso de Silveira, a sua audacia e energia de guerrilheiro, levaram-no a conceber e a executar um golpe de mão sobre a pequena praça leonêsa.

A 2 de agosto, numa dessas marchas que o General sabia exigir aos bons caminheiros da sua provincia, Silveira, poz-se á frente da 2.^a brigada, que o 1.^o esquadrão do 12 (dragões de Bragança, capitão Lobo) e uma peça de ferro, de calibre 3, deveriam apoiar.

Na madrugada seguinte, numa volta da estrada, na lombada da montanha, nos últimos contrafortes da serra de Cablana, defrontaram com os campos que circundam Puebla, a desdobram-se em ondulações abrutadas, a que a do castelo — ao centro do vale — domina.

O Sabor ficara já para traz, como uma enorme fita, coleando-se ao capricho dos movimentos do terreno, trecho de paisagem monótona e fria, duma vegetação de charneca.

Para Este, ao fundo do quadro, mal se divisava Monboy; e mais perto, passado o Teva — que serpenteava muito manso e fraco dos excessos do calor — rasteja, emergindo dum comoro, o modesto povoado do Outeiro. Era por aí que o caminho ia passar, bordado então de prados, que o xadrez das vedações de pedra solta retalhava pitorescamente, num parentese de oasis e como que lavrado por insignificantes linhas de água atraídas pelo rio.

De subido, das bandas do poente, num desse carris abertos pelas cabras — exclusivas serventias que listravam os flancos penedios das montanhas — distinguiu-se uma colúna em marcha que a impressão da surpresa tornou enorme!

Seria um rebanho ou soldados em fila indiana? . . .

Houve um tempo de paragem e de ansiosa espétativa: O quer que era parou por seu turno.

O som roufenho dum *bozinhão* — mugidor, esperço e longinquo, repetido pelas quebradas, veiu écoar nos ouvidos atentos das atalaias portuguêsas.

O capitão Lobo — dos dragões de Bragança — acudiu ao reconhecimento. E alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, prescudou, com a sua vista de lince, os flancos pedregosos de montanha, onde uma linha quebrada de pontos escuros, permanecia imóvel, mas suspeita.

O *buzinhão* insistia, atirando para o vale — a espaços iguais, propositadamente medidos, como quem interroga — os sons roufentos e mugidores da sua voz característica, impressionante e inconfundível!

O sol, rompendo as nuvens, iluminou agora poderosamente, os flancos pedregosos da montanha; e da linha quebrada, de pontos escuros, imóvel e suspeita, saltaram, em cardume, as chispas denunciantes e seguras, que o sol arranca do brilho das armas . . .

— E' a gente do general Taborda! — acabou por garantir o capitão Lobo.

— São os hespanhois! — repetiram os soldados, num grande alívio, agitando as espadas em sinal de saudação.

Nesse momento, como resposta corroboradora, o *buzinhão* tirou uns sons curtos, precipitados e alegres, tanto quanto lh'o consentia a sua garganta cava e nem modalidade quasi.

E a linha de pontos escuros retomou, apressada, o interrompido movimento.

Eram, com efeito, os 800 hespanhois, que o Serras escorraçara de Puebla de Sanabria setenta e duas horas antes.

— *Que hacer!* — perguntou o Taborda Gil, mal reposto da corrida.

— Atacar imediatamente, general — volveu o Silveira, mui determinado.

E entregando a empresa aos seus conterraneos, os milicianos de Vila Real, que o seu proprio filho — o futuro marquez de Chaves — dirigia em pessoa, secundado pelo major Motta, os generais viram-nos escalar e tomar, numa feliz arremetida, o primeiro recinto de praça!

Como em Chaves — um ano antes — Messenger, fôra constrangido a encorrallar-se no forte de S. Francisco, em Puebla de

Sanabria, o Sraferieed, teve de acolher-se ao segundo recinto e ao castelo da praça. Daí, pode varejar os bravos milicianos, que se batiam com uma galhardia insuposta em soldados bisonhos, como aqueles com que Silveira saíra de Bragança, para batizar no fogo.

... Para os lados de Momboy, para lá da Tera, o esquadrão do capitão Lobo vigiava o movimento dos franceses...

No fim de sete dias de cêrco em que recorreu a todos os ardis sugeridos pela sua fertil imaginação militar, Silveira esgotou a heroica defêsa dos suissos e levou-os a capitular, á vista quase do proprio Serras!

Quatro centos de prisioneiros, 9 bôcas de fogo e uma *aguia*, constituiram os trofeos dessa façanha, com que a exaltação popular transmontana engalanou o vulto do seu grande Herói...

Silveira, numa abnegação que lembra a de Afonso IV na batalha do Salado, entregou aos hespanhois: a praça, os prisioneiros e os artigos militares que a capitulação lhe rendera, reservando para si apenas a *Aguia*, que, com o seguinte officio remeteu a Beresford, por meio do seu ajudante de campo, o capitão Claudino Pimentel, o que foi depois o brilhante brigadeiro liberal das campanhas de 23 e de 26-27. Trazia Claudino Pimentel, como ordenança, o cabo Lira, de cavalaria 12, individuo que, pela sua bravura, devia vir a morrer — 60 anos mais tarde — no posto de coronel.

... «Tenho a honra de mandar apresentar a V. Ex.^a o detalhe circunstanciado da expedição sobre Puebla de Sanabria, e de mandar entregar a V. Ex.^a a *Aguia* tomada ao inimigo. Os meus desejos são illustrissimo senhor, debaixo das sabias ordens de V. Ex.^a ter ocasiões de mostrar a V. Ex.^a a vontade que tenho de bem servir a Sua Alteza Real.

«Digne-se aceitar o protesto da minha veneração».

Dada a injusta prevenção que o inteiriço disciplinador teve, de continuo, contra o feliz guerrilheiro de Trás-os-Montes, conhecida a nula interferencia do marechal na quase totalidade dos movimentos de Silveira, não sabe a gente qual mais ad-

mire, se a chocante despretenção e modestia do estilo, se a subtil insidia que a propria simplicidade encobre.

Tudo quanto a guerra, por esse tempo, pôde manifestar de grande, de arrojado e cavalheiresco — de honra da concepção, aos lances, muitas vezes anônimos, que cortaram as diversas fases dos combates — o espirito popular, fabuloso e idolatra, acabou rubricando-os com um apelido — **Silveira**.

Havia no caracter desse homem o bastante para arrancar uma consagração: Os rasgos expontaneos, realizados com a simplicidade e a inconsciencia dos valentes ou dos artistas, eram engrandecidos e bordados pelas efusões poeticas dos vates e romanceiros duma provincia, que um grande ar de Lenda varre aos quatro ventos. A despretenção deste homem, que honra alguma foi capaz de modificar; a sua linha fidalga imperturbavel no meio dos perigos e dos azares, das festas e das vitórias; a sua audacia de feliz, a sua temeridade de louco e a sua abnegação de heroi, explicando, justificam a piedosa lenda em que o envolveu o sentimento popular, até ao excesso em que se veneram os santos: Cada passo uma revelação; cada feito um prodigio!

E poderia o transmontano — simples e imaginoso, crédulo e milagrento — deixar de admitir a intervenção do sobrenatural, se aquele homem, com um sorriso modesto nos labios, reenrava em Bragança, de volta de Puebla de Sanabria, escapando-se, quase intacto, com um exercito de milicianos e caçadores do monte, aos 5.000 infantes e 700 cavalos dos melhores de toda a França?!...¹

X

O capitão Lobo

Moralmente os valentes assemelham-se. Colocados uns em frente dos outros denunciam-se e reconhecem-se por uma especie de presciencia, como que um influxo extraordinario de mutua sugestão. Amigos, veneram-se; inimigos, despedaçam-se.

¹ Claudio de Chaby, *logar citado*, 6.º vol. págs. 138 a 142.

Silveira escolhera-o para lhe comandar a guarda avançada no dia glorioso de Puebla.

O Serras rondava nas proximidades e o general das armas de Trás-os-Montes *queria* logral-o. Tomar Puebla com simples milicianos a dois passos de 5 mil homens de bôa tropa, era, na rialidade, um lance tentador. Se o conseguisse, mais uma vez se confirmava, que os franceses de Massena, eram dos mesmos que haviam acompanhado Junot e que a graça portugue-sissima — insidiosa e pesada — caricaturara assim:

«Um homem com cabeça de donato
tendo por barretina uma caneca,
olhos gazeos, bôca de alforreca,
e pesçoço estendido como gato;

«burjaca suja e rôta por ornato,
calça de brim na perna nua e seca,
espada que andou por Séca e Méca,
e dedos quasi fôra do sapato;

«uma pele de cabra ¹ sobre o lombo,
cabâcinha ², panela e caçarola,
espingarda que leva muito tombo:

«Eis um guerreiro da franceza escola
agudo em manhas, em juizo rombo,
que outro Deus não tem que a Passarola» ³.

... Para os lados de Momboy, para lá do Tera, o esquadão do capitão Lobo vigiava o movimento dos franceses.

Por volta das 10 horas da manhã de 4 de agosto, as vedetas assinalaram a presença do inimigo...

O capitão Lobo chegou-se ao reconhecimento. Abandonou as redeas ao cavalo; e alpendrando os olhos com a grande

¹ Mochila.

² Cantil.

³ Águia de Napoleão.

Soriano—*Historia da guerra civil*... 2.^a época, tomo. 1.^o, pag 20.

concha das mãos, pode diferenciar, com a sua vista de lince, o avanço vagaroso duma forte colúna, que se escoava da garganta do desfiladeiro, nos confins da paisagem.

Perto já, um esquadrão de dragões inimigos progredia, trocando...

Na rapidez de exame e no determinado de execução dos resolutos, ordenou aos 30 do alferes Miranda que — aproveitando as tapadas á direita da estrada — fossem esperar que a cavalaria francêsã entrasse no terreno da carga.

O solo descia aqui em pendor suave, para os lados de Momboy, pelo vale do Tera: A vantagem do terreno pertencia-lhe pois.

— Chegados a bom alcance — ordenou com energia e precisão — eu carrego-os de frente e o Miranda corta-lhes a retirada.

Os trinta dragões portuguezes resvalaram subrepticamente, atentos, encobertos, sem anciedade, conscios de que iam vencer: O *Silveira* velava por eles...

... E o Lobo, a pé, detrás dum castanheiro enorme, viu-os desaparecer num magote de arvores.

O esquadrão francês avançou, choutando, parando para a reconhecer, com uma lentidão que lhe insofria a febre de o acutilar.

Para o atraír, o Lobo, arremessou pela estrada fóra, como negaça, o alferes Falcão com doze homens.

O estratagema produziu o desejado efeito: Os cavaleiros inimigos detiveram-se um instante e contaram-nos.

— Que poucos! Que facil vitória! — julgaram todos.

— Viva o Imperador! Carregar! — ordenou o comandante, levantando-se nos estribos, fixando os seus, como a transmitir-lhes, num olhar de fogo, a febre de audacia de que se sentia atuádo.

A *negaça* simulando de surpreendida deu costas, ao galope... A *furia francêsã* acudiu ao reclame, voou á sua perdição, de redea bamba e de armas e capacetes luzindo, luzindo muito. Os officiais á frente — de braços e espadas estendidos para diante, na direcção do Outeiro — norteavam a carga.

Moviam-se paralelamente á estrada, velozes, ebrios de entusiasmo, saltando muros e valas, no impeto guerreiro, que a força moral da vitória estimula. Mais duzentos metros e ganha-

riam o comoro a que iam chegando os dragões portugueses.

De improviso corôa a altura o esquadrão do Lobo.

— Viva Silveira! Morte aos franceses! — bradam, como um só homem, os de Bragança, esporeando os cavalos e brandindo os sabres.

O solo treme debaixo da carga. Trepidam os dragões de Napoleão; querem voltar a traz. A velocidade adquirida precipita-os porém. Dão uns contra os outros. Penetram-se, atacam-se, contundem-se, ferem-se, matam-se, derrubam-se... O choque é terrível. A confusão medonha. A refrega instantanea. A retirada impossivel! Aos gritos de:

— Avança, avança; a vitória é nossa!...

O Miranda toma-os de revês!

Então o horrôr!

Entre as fileiras um tanto ordenadas e opostas dos dragões de Bragança, desfez-se a pinha dos cavaleiros franceses, que se escoam, espalhados, sem coesão, perdidos, e perdidos vão dar comsigo em terra, á ponta das espadas dos transmontanos, que, audazes e febris, os massacram sem dar quartel! O chão amarelado, queimado dum sol forte, tingem-se de sangue francês; coilha-se de cavalos e homens, de espadas e capacetes. No fim de cinco minutos dos 70 cavaleiros inimigos, 28 jazem por terra; 30, mais de metade acutilados, rendem-se prisioneiros, enquanto o capitão e mais 5 ou 6 se escapam, tendo por escolta sinistra 20 cavalos sem cavaleiro!...¹

Para os lados de Puebla o espingardear recresce.

... E uma hora depois, o Lobo, abandonando as redeas ao cavalo e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, pôde diferenciar, com a sua vista de lince, a marcha precipitada da forte colúna francesa que, mostrando-lhe as mochilas, se entranhava agora no desfiladeiro, aos confins da paisagem...

1897.

F. SÁ CHAVES
Ten. cor.

¹ C. de Chaby — *Excertos*... tomo 6,º, pags. 138 e 145.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Telegrafia sem fios nas colonias. — Os alemães desenvolvem cada vez mais o uso da telegrafia sem fios nas suas colonias. Há pouco foi inaugurada uma estação em Swakofnund no sudoeste da Africa. Por meio dela, pode-se comunicar com os navios, por um processo pratico, até 1.000 kl. tendo-se conseguido alcances de 3.500 kl. A torre da estação tem 95^m de altura. A estação de Donala, com antenas na altura de 100^m, tem um alcance de 1.100 kl.

Além destas, existem em Africa outras estações em construção, na baía de Zudemtz no suéste, uma em Dar-se-salen a léste e outra em projecto em Togo.

Aumento das prerogativas dos medicos militares. — Uma ordem do gabinete de 26 de fevereiro último estipula que de futuro as forças do comando de sargento prestarão honras aos medicos militares, da mesma forma que aos officiais.

Os medicos directores dos hospitais de guarnição terão dora ávante o direito de punir directamente os sargentos e soldados empregados, ou em tratamento, nesses estabelecimentos. Até aqui eles deviam limitar-se a solicitar o castigo do pessoal sob as suas ordens.

Além disso, os medicos militares usarão uma banda de campanha de modelo especial, e terão direito, quando falecerem, ás honras militares prestadas aos officiais da sua categoria.

Escola de tiro de infantaria. — Uma ordem recente do gabinete prescreve a organização, em 1914, dos seguintes cursos na escola de tiro de infantaria :

1.º «3 cursos de informação», durando 9 dias, a saber :

a) 1 (30 março-8 abril) para 53 capitães e 46 tenentes de cavalaria, das tropas de comunicação e do trem ;

b) 3 (9-29 maio, 6-26 junho, 1-21 agosto) para um total de 240 capitães e tenentes das tropas apeadas que não tenham ainda frequentado o curso desta categoria ;

c) 2 (16 abril-6 maio, e 6-26 junho) para 40 capitães e 40 tenentes das companhias e secções de metralhadoras que não tenham ainda frequentado a escola de tiro.

2.º 7 «cursos de exercicio», a saber :

a) 2 com a duração de 20 dias (9-29 maio e 1-21 junho) para 76 tenentes das companhias e secções de metralhadoras ;

b) 1 com 30 dias de duração (29 setembro-29 outubro) para 84 sargentos das mesmas unidades;

c) 4 de 34 dias de duração (5 março-8 abril, 16 abril-20 maio, 23 maio-26 junho, 18 julho-21 agosto) para um total de 260 sargentos de cavalaria e do trem.

Novo sistema de transportar munições. — Está em estudo um novo sistema para transportar munições de infantaria. Em lugar das caixas que até hoje se têm usado, propõe-se o emprego de uma especie de canãna de lona cinzenta, de grande resistencia e muito leve, a qual possui 14 compartimentos capazes de alojar 70 cartuchos no total.

No espaço que é occupado actualmente por 225 cartuchos, podem alojar-se 280, podendo, além disso, fazer-se a distribuição por forma mais expedita.

As tropas conservarão os sacos que hoje usam contendo 150 cartuchos, e em caso de mobilização, será a cada homem entregue uma destas canãnas para levar em bandoleira, elevando-se assim a dotação individual a 220 cartuchos.

Com este sistema, o problema do municionamento simplificar-se há em extremo, visto que um só homem dos encarregados da distribuição pode transportar 10 destes cinturões, de forma tal que fiquem livres as mãos para fazer uso de uma espingarda, em caso de necessidade.

Estações de dirigíveis. — A Alemanha dispõe actualmente de 24 estações de dirigíveis com 29 hangares fixos e 4 outros moveis. Além disso, 8 hangares estão em construção, devendo ficar concluidos, o mais tardar, no 1.º de outubro do corrente ano.

14 dos hangares fixos existentes são de ferro, 11 de madeira, 3 de ferro e madeira e 1 de beton armado. Cêrca de metade destes hangares são fechados com portas de corrediças em ferro. Os sistemas de fechar adotados para as outras são as portas de batentes, as de correr de cima para baixo e como combinação destas ultimas a de portas de corrediças.

A administração militar possui 9 hangares; a saber: 1 em cada uma das cidades da Colonia, Königsberg, Lieynitz, Metz e Strasburgo, e 4 em Tegel. Os 8 hangares em construção pertencem-lhe igualmente e estão situados em Cuxhaven, Aix-la-Chapelle, Allenstein, Grandenz, Hanover, Lehr, Posen e Schneidemühl.

As estações de Biesdorf, Bitterfeld, Brunswick, Colonia-Nippes, Dresde, Dusseldorf, Franfort-s-M, Friedrichshafen, Hamburgo, Gotha, Johannisthal, Kiel, Leichlingen, Leipzig, Manrell, Baden-Oos, Potsdam, Mannheim-Rheinan e Wanne, acham-se, em parte, na posse de sociedades privadas.

Novos fortes da fronteira de leste. — Por uma recente disposição foi resolvida a construção de novos fortes em Thorn, Forden, Grandenz, Dieschan, Morienburg e Marienwerder, com o fim de cobrir as pontes que cruzam o Vistula no troço compreendido entre a Russia e a Alemanha.

Estas obras serão guarnecidas por tropas dos 1.º, 2.º, 17.º e 20.º corpos de exercito, e com elas e o campo entrincheirado de Breslan, esperam os ale-

mães immobilisar um exercito russo em caso de guerra, ficando em liberdade o nucleo principal do seu exercito para operar onde seja necessario.

Efectivos totais do exercito.— O quadro seguinte dá uma ideia dos effectivos do exercito alemão em 1914.

	Officiais	Mejicos	Veterinarios	Pagadores	Funcionarios	Soldados
Prussia	21.681	1.832	630	899	934	491.837
Saxonia	2.105	108	63	88	91	47.706
Wurtemberg	1.060	91	28	44	46	24.899
Baviera	3.139	276	100	131	135	70.843
Total	27.985	2.379	821	1.162	1.206	635.285

Transporte mecânico.— As autoridades militares alemãs contractaram recentemente com particulares, mediante uma subvenção, 825 carruagens automoveis com destino aos usos militares.

Este número, reunido aos 400 veículos desta classe, propriedade do Estado, faz elevar o número dos disponiveis a 1.250, o que permite dar a cada um dos 25 corpos do exercito 5 colúnas de transporte mecânico com 10 carruagens cada uma delas.

Alemanha

Serviço oficial sanitario.— Relação das sociedades livres de assistencia que se acham autorizadas a prestar o seu concurso, sob a responsabilidade das mesmas, ao serviço oficial sanitario do exercito alemão, em harmonia com o art. 10.º § 2.º da convenção de 6 de julho de 1906, para melhorar a condição dos feridos e enfermos nos exercitos em campanha.

1). A sociedade nacional alemã da Cruz Vermelha, com as suas ramificações ligadas á sociedade livre de enfermeiros.

2). A ordem dos cavaleiros de S. João do Hospital de Jerusalém.

3). A união dos «Cavaleiros da Devoção» da ordem de Malta, na Westphalia rhenana.

4). União dos cavaleiros da ordem de Malta, da Silesia.

5). A ordem de S. Jorge, da casa rial da Baviera e as ordens catolicas desse país, que se acham sob o seu protetorado, as quais são chamadas para auxiliar o serviço de assistencia na guerra.

6). O estabelecimento das irmãs de caridade de Dresde.

7). O estabelecimento das irmãs de caridade de Leipzig.

8). A irmandade de «Karlshohe», em Ludwigsburgo.

9). A união das irmãs enfermeiras de Stuttgart.

Instrução dos generais. — O numero dos generais de infantaria e cavalaria, designados anualmente para o curso de informações da Escola de tiro de artilharia, é elevado de 11 a 21.

Desta forma, todos os comandantes de corpos de exercito, não saídos da artilharia, passam a participar anualmente desse curso.

Tal medida é de alto alcance. Embora esses generais estejam perfeitamente senhores da tática e da tecnica do tiro de artilharia, eles poderão ai assistir mais frequentemente do que nos seus regimentos ao tiro de artilharia. Além disso, na escola apresenta-se oportunidade de esclarecer esses altos chefes, unicos responsaveis pela instrução militar da sua tropa sobre o emprego especial das diversas peças (canhões de campanha, obuzes ligeiros e pesados), e ai podem facilmente trocar ideias sobre questões de artilharia com o inspector da artilharia de campanha.

Praças fortes e campos de instrução. — Foram creados dois governos de praça forte em Rönigsberg e em Grandez (os governadores tem graduação de comandantes de divisão); um comando das fortificações do Alto-Rheno, cuja séde é em Friburg (o titular tem honras de general de brigada); três comandos de praça (Hommandanturen), respectivamente para os campos de instrução de Henberg (séde em Sigmaringen) de Orb (séde em Bad Orb) e de Honen; estes três cargos são exercidos por oficiais reformados.

O orçamento preceitua que um comando de praça forte será igualmente criado no campo de Grupp.

Os comandos da praça de Neupbrisach e de Colonia tem, respectivamente, honras de general de brigada e coronel.

Tropas de telegrafos. — Até 1899, os telegrafistas de campanha alemães faziam parte dos batalhões de *pioneiros*. Desde então, gruparam-se com as tropas de caminhos de ferro e de aerosteiros para constituir as *tropas de comunicação*.

Constituíam, primeiramente, 3 batalhões prussianos de 3 companhias cada um, mais uma companhia bavara. Em 1 de abril de 1912, data em que na Alemanha começa o ano economico, havia 4 batalhões a 4 companhias, uma delas de radiotelegrafistas que guarneciam as pracas de Berlin, Francfort, Colbarlsts, e Klenruhe, mais um batalhão bavaro de 2 companhias em Munich.

Em 1912, foi criado o batalhão n.º 5, em Danzig, e completou-se com 4 companhias o bavaro, e segundo a lei militar de 1913, devem criar-se antes de 1 de outubro de 1915, 4 batalhões e 9 companhias de telefones de praça.

Com as novas unidades organizadas em 1913, ha 9 batalhões (37 companhias, das quais 14 de radiografia), 8 companhias de telefones e 1 destacamento de instrução, faltando criar 1 batalhão na Prussia e 6 companhias.

As companhias de telefones prestam serviço nas praças de Metz, Strasburgo, Colonia, Mayance, Posen, Thorn, Königsberg e Grandenz.

Todas estas tropas estão sob a direcção do Inspector geral de comunicações, autoridade que tem categoria de comandante de corpo de exercito e ás suas ordens servem, 1 inspector de telegrafia de campanha e 3 inspectores de telegrafos.

O quadro de cada batalhão é o seguinte: 1 comandante, 1 oficial superior ou capitão adjunto.

Para as 3 companhias de telegrafos: 8 capitães, 14 tenentes, 2 médicos, 1 veterinário, 69 sargentos, 459 soldados, 4 artifices e 3 enfermeiros.

Cada companhia de radio-telegrafia tem: 1 capitão, 6 tenentes, 19 sargentos, 124 soldados, 1 artifice e 1 enfermeiro.

Com respeito a escolas de telegrafia, existem: a de Spandau, onde, atualmente, se dá instrução aos telegrafistas de cavalaria e aos oficiais de artilharia a pé, durando cada curso 5 meses para os oficiais e 9 para os sargentos. Esta Escola, dependente da Inspeção geral das tropas de comunicações, está anexada ao batalhão n.º 1, de Berlin.

O ano passado, foi criada uma escola oficial de radiotelegrafia, reunida á anterior.

A cavalaria bavara, possui uma escola de telegrafia em Munich.

Anexo á Inspeção geral das tropas de comunicações ha um destacamento de experiencias que tem a seu cargo a applicação de todos os inventos novos que se tornem praticos para as tropas. Afecta a esse destacamento ha uma companhia.

A secção eletrotecnica tem a seu cargo o estudo das questões de electricidade nas suas applicações ás praças fortes, com exclusão da radiotelegrafia.

Austria-Ungria

Promoções de oficiais.—As condições de promoção melhoraram recentemente no exercito austriaco. Na última proposta os generais de brigada promovidos, eram de maio ou de novembro de 1908 e alguns deles de maio de 1909.

Entre os coroneis promovidos a generais de brigada, alguns tinham 5 e meio anos de antiguidade de posto e a maior parte 5 anos.

Nos outros postos a antiguidade precisa para poder passar ao posto immediato, é: de 3 anos para os tenentes-coroneis, 3 e meio para os majores, 9 e meio para os capitães e 1.ºs tenentes e 5 e meio para os 2.ºs tenentes.

Instrução dos novos oficiais no serviço telefonico.—Segundo o *Neue Freie Press*, o Ministerio da Guerra resolveu que todos os oficiais subalternos destacados na escola de equitação recebam uma instrução intensiva no serviço telefonico e assentamento de fios.

Efectivo do exercito.—O ministro da guerra julga de urgente necessidade o aumento dos efectivos em tempo de paz. No seu trabalho, apresenta o ministro o seguinte quadro comparativo com as demais nações:

	Contingente anual	Efectivos em tempo de paz
Alemanha	281.541	661.176
França	316.000	754.643
Russia	436.283	1.345.000
Servia	25.000	33.000
Romania	25.000	93.000
Italia	25.000	300.000
Austria	180.000	350.000

Reformas dos oficiais.—O quadro seguinte dá uma ideia do aumento que experimentam as reformas dos oficiais, depois de aprovada e posta em vigor a nova lei :

Postos	N.º de anos de serviço	Segundo a lei antiga — Coróas	Segundo a nova lei — Coróas
Tenente	13	731	1.550
Capitão	20	1.500	2.660
Major	30	3.000	5.280
Tenente-coronel	35	3.975	5.500

O uso da barba nos oficiais.—Havendo-se tornado frequente entre os officiaes austro-hungaros usarem a barba rapada, pelo ministerio da guerra foi recentemente prohibida formalmente essa moda. Só continua ella autorizada em um regimento, que é o 14.º de dragões, Windischgrätz, por isso que constitue privilegio já muito antigo para este corpo, pois data da batalha de Kolin, sob o comando do generalissimo Daun. Tendo este chefe notado, antes da carga, o aspecto demasiado juvenil dos contingentes dos dragões de Windischgrätz, manifestou algumas duvidas sobre a sua solidez; mas havendo-se esses mancebos conduzido bravissimamente no fogo, assentaram todos os officiaes, desde o coronel até ao mais moderno, rapar os bigodes, tornando-se este habito um privilegio que, ainda em 1875, foi reconhecido por uma ordenação imperial e rial.

Chile

Novas fortificações.—Com o sistema de fortificações que se projecta construir em Arica ficará este porto chileno convertido em uma forte base de operações para a esquadra, e será um dos portos mais bem defendidos da costa.

As fortificações dos demais portos de Inique, Antofogasta e Quintero terão por objecto evitar um desembarque nestes portos.

O verdadeiro porto militar será Talzahuano, no qual se empregam os melhores processos de fortificação moderna.

Escola de aviação militar. — Foi votada pelo parlamento a verba de francos 1.312:500 para a organização de uma escola de aviação militar em Lo Espajo, perto de Santiago. Esta escola compreenderá provisoriamente, 10 oficiais e professores, 15 oficiais inferiores e 26 soldados. O número de alunos será de 10 oficiais e 7 oficiais inferiores. A escola, que foi oficialmente aberta pelo ministro da guerra, disporá de 10 aeroplanos.

China

Tropas de ocupação. — Em 12 de dezembro do ano passado propôs o representante russo aos demais potências, que retirassem os destacamentos que estas mantinham na China para proteger as legações, proposta que já havia feito a Alemanha em 1905, mas que em vista dos acontecimentos do ano passado, não só não foi aceite, mas até, pelo contrario, foram os contingentes reforçados, elevando-se as seguintes cifras :

Inglaterra, 2.752 ; Japão, 1.779 ; Estados Unidos, 1.452 ; França, 1.270 ; Russia, 1.085 ; Alemanha, 454 ; Italia, 220 ; Austria, 85 ; Holanda, 34 ; Belgica, 31 ; Total, 9.162.

A proposta da Russia baseava-se em que estando definitivamente constituido na China o novo regime, podia a mesma nação responder pelas vidas e fazendas dos estrangeiros, mas na realidade a situação do novo governo chinês não é bastante forte para isso, e a proposta russa obedecia a outros intuitos. Segundo o periodico *Osaka Aschi*, a attitude russa de um acordo de reciprocidade, em virtude do qual, em troca de conseguir da Russia esta evacuação, obteria a concessão de alguns caminhos de ferro no territorio da república, apesar de que há quem afirme que a proposta russa obedece sómente á boa disposição do imperio a respeito da China, em consequencia do acordo russo-mongol.

Segundo outros jornais japoneses, a Russia, em vista dos demais Estados não terem aceite a sua proposta, retirará o seu contingente.

As rivais da Russia são a Inglaterra e o Japão, e *O Tempo do Japão* afirma officiosamente que não podem retirar-se os contingentes de ocupação pelo facto da situação na China não é bastante firme, sendo para reccar a repetição de tumultos.

A França e a Alemanha parece que vêem com satisfação a proposta russa, mas as noticias contradictorias da imprensa não permitem apreciar claramente a situação.

Aviação. — O tenente aviador Bow, de infantaria, foi encarregado pelo Governo de organizar a aviação militar na China, tendo estado anteriormente em França para a compra de aparelhos.

No seu orçamento a China destina um credito suficiente para a compra de 270 aeroplanos até ao fim do ano.

O resto do projecto comprehende um total de 720 aeroplanos, distribuidos pelos anos de 1914, 1915 e 1916.

Dinamarca

Projecteis illuminantes.—Foi há pouco destinado um aparelho ao lançamento dos projecteis illuminantes. O aparelho pesa 25^{kg} e pode ser posto em condições de funcionar com um só homem.

Lança á distancia de 200^m uma bomba de forma esférica com o peso de 750^{gr}, a qual rebenta a grande altura, projectando uma substancia luminosa que fica suspensa no ar durante 10 a 12 segundos.

O aparelho, que funciona em meio minuto, pode lançar 7 a 10 bombas por minuto.

Estados balkanicos

O governo bulgaro resolveu enviar exclusivamente á Alemanha, e não á França nem á Russia, os officiaes que desejem completar os seus estudos militares.

Pelo contrario, o governo servio resolveu que os seus officiaes vão adquirir conhecimentos ás escolas da França e da Russia, e pede á primeira destas nações que nomeie uma missão militar para se encarregar da reorganização do seu exercito.

França

Composição do conselho superior de aeronautica militar.—Por modificação ao decreto de 20 de janeiro do corrente ano instituindo um conselho superior de aeronautica militar, o numero de senadores e deputados que fazem parte desta assembléa foi elevado de 4 a 5.

Por outro lado, as deliberações deste conselho devendo versar frequentemente sobre assuntos de ordem tecnica, pareceu vantajoso juntar-lhe, a titulo consultivo, notabilidades particularmente competentes pertencentes ás grandes administrações, á industria e ao sport.

25 destes vogais acabam de ser nomeados pelo ministro da guerra, por um periodo de 2 anos, podendo ser reconduzidos.

Nova peça comprida de 105^{mm}.—O *Temps* annunciou a proxima distribuição para serviço do canhão de 105^{mm} ^m/₁₉₁₃, destinado a dotar, com o obuz de 155^{mm} (Rimailho), os 5 regimentos de artilharia pesada, cuja criação está prevista por um novo projecto de lei dos quadros e efectivos submetido ao Parlamento.

A peça comprida de 105^{mm}, lança a uma distancia que póde ir além de 10 kl., e com a velocidade inicial de 570^m, um projectil de cerca de 16 kg. de pêso. O material é de tiro rapido. A pontaria é assegurada por meio de uma luneta panoramica permitindo ao apontador tomar, sem se voltar, um ponto de mira á rectaguarda quando o horizonte é limitado por cristas, bosques ou aldeias, atraz das quais a bateria toma posição.

Durante o tiro, a peça recua sobre o reparo de pouco mais de 1 metro.

Os serventes são abrigados por escudos. O pêso da peça em bateria não excede 2.300 kg. e o da peça atrelada 2.600 kg.

Metralhadoras para serem conduzidas á maneira de mochila. — O ministro da guerra determinou que quatro batalhões de caçadores alpinos ensaiem o novo sistêma de metralhadoras para serem levadas ás costas, imaginado pelo tenente Normand. Nestas experiencias dever-se há verificar a duração e a resistencia do aparelho e montagem, modo de serem conduzidas as munições e de transportar a metralhadora, caso se queira transporta-la doutra forma, assim como a sua mobilidade e funcionamento em cooperação com a infantaria e sobretudo o seu emprego tactico.

Tambem se está estudando na Escola de tiro de Châlons, a forma por que as tropas de metralhadoras se hão de organizar definitivamente, experimentando-se, entre outros sistêmas, a organização de companhias á alemã, procurando faze-las manobrar o mais aproximadamente possivel como se fosse em tempo de guerra.

Aeroplanos couraçados. — Todos os aeroplanos militares foram couraçados, sendo classificados segundo a classe de serviço a que se hão de dedicar pela seguinte forma :

Aeroplanos affectos ás unidades de cavalaria e artilharia para reconhecimentos. Um unico passageiro a velocidade não inferior a 120 kl. por hora. A's ordens do comando para a pratica de reconhecimentos.

Aeroplanos armados com metralhadoras. Duas pessoas e velocidade de 100 kl. por hora.

Aparelhos para missões especiais. Capacidade de transporte para varias pessoas, velocidade de 100 kl. por hora, e amplo raio daccão.

Evolução de aeronaves. — Foram proibidas recentemente as evoluções dos aeronaves, á excepção das do serviço militar do Estado, sobre as zonas comprehendidas dentro do perimetro da maior parte das praças fortes, fortes isolados e obras de fortificação, e sobre todas as regiões e estabelecimentos militares ou navais em que se executem experiencias de tiro, manobras, etc., que possam ser perturbadas pela circulação dos aeronaves.

Pode, além disso, proibir-se a circulação dos aeronaves sobre todo o territorio ou parte, se as circunstancias exigirem tal medida, e então será proibido em absoluto desde o momento em que se decreta a mobilização parcial ou total.

Promoções no exercito francês. — Depois da lei de 14 de abril de 1832, sómente se dá aos praticos o terço das vagas, sendo as restantes providas com officiais procedentes das escolas militares. Esta proporção foi reduzida ulfimaente a $\frac{2}{5}$.

O resto da officialidade procede em 40 % das escolas de Saint-Cyr e Polytechnica, 50 % das de Saint Maixent, Saumur, Fontainebleau e Versailles, 10 %, corresponde aos sargentos que teem mais de 10 anos de serviço nas fileiras. A imprensa francesa tem chamado a atenção sobre a crise por que está atravessando a officialidade, que é de tal importancia, que em 1 de abril de 1912 havia as seguintes vagas a preencher :

Infantaria 735 officiais

Cavalaria	143	»
Artilharia	58	»

As promoções efectuam-se actualmente muito lentamente, por tal forma que o número de anos de permanencia, em cada posto, é termo medio :

	Inf.	Cav.	Art.
Capitão a major	16	13	17
Tenente a capitão	14	14	8
2.º tenente a 1.º tenente	2	2	2

Inglaterra

Enducto contra a corrosão.—Diversos orgãos tecnicos anunciam que se tem applicado com exito sobre os projecteis um enducto tendo por fim impedir a corrosão evitando todo o contacto, durante o tiro, entre o metal do corpo do projectil e o da alma.

Diversas experiencias já haviam sido feitas neste sentido, cobrindo com um lubrificante a superficie do projectil. As novas experiencias repousam pelo contrario no emprego de uma materia cimentada, não lubrificante, tal como o silicato de soda só ou misturado com argila em pó.

A adherencia deste produto torna-se maior se se tornar rugoso o corpo do projectil, por um processo quimico ou mecânico; sem esta precaução, o enducto podia ser arrancado ao contacto das estrias.

Pode-se igualmente applicar o enducto aos projecteis cujo corpo ou cintas são de metal que se não corroe, tal como o ferro ou o aço doce; neste caso, o enducto contribue para diminuir muito o desgaste da arma.

Aumento de soldos.—Por decreto de 31 de dezembro ultimo, foi fixado o aumento que, a partir de 1 de janeiro do corrente ano, haviam de experimentar os soldos de officiais de certos postos nas armas do exercito activo da metropole, tornando-se extensivo aos regimentos da India ocidental e oeste da Africa.

As gratificações de comando dos comandantes de regimento e batalhão passam a ser de 5 schllings diarios em vez de 3.

Os majores com mais de 24 anos de serviço receberão 2 schllings a mais por dia, e os que tiverem menos tempo de serviço disfrutarão do aumento até agora consignado aos majores com mais de 2 anos de serviço nas fileiras.

Aos capitães aumenta-se-lhes 3 schllings diarios aos que têm 3 anos de posto, desde que tenham, pelo menos, 12 anos de serviço.

Os tenentes receberão um aumento diario de 2 schllings e 6 pence, quando tenham 6 anos de serviço, desde que, á boa informação dos seus chefes, reuam a necessaria aptidão para o comando de tropas.

Os soldos dos capitães diplomados não poderão exceder o dos majores da arma ou serviço em que sirvam.

O aumento é tambem extensivo aos corpos de engenharia e intendencia com algumas ligeiras variantes.

Tenentes, 1 schlling mais, diario, aos 6 anos de serviço, em vez de aos 7, como até hoje sucedia.

Capitães, 2 schllings por dia ao cabo de 3 anos de posto, com a condição de que tenham 12 anos de serviço.

Concurso de motores para aeroplanos. — A imprensa inglesa anunciou que um concurso de motores para aeroplanos militares e navais organizado pelo *War Office* se devia realizar no 1.º de fevereiro deste ano, no estabelecimento de construção aerea de Farnborough.

As principais condições a preencher são as seguintes :

- 1.^a — Potencia : 90 a 200 HP ;
- 2.^a — Peso bruto por HP : 5^{kg} maximo para 6 h. de actividade ;
- 3.^a — Forma do motor : adaptavel aos aeroplanos ;
- 4.^a — Número de cilindros : mais de 4 ;
- 5.^a — Construção : inglesa.

As condições do concurso mencionam igualmente algumas particularidades concernentes á economia de consumo, ausencia de vibração, simplicidade de construção, invulnerabilidade ás balas de espingarda, modicidade de preço.

O concurso comportará duas provas de 6 h. cada uma, podendo a comissão impôr qualquer outra que julgar conveniente.

Será concedido um premio de 125.000 francos ao motor que melhor satisfaça ás condições especificadas e uma encomenda elevando-se a 1 milhão de francos será feita aos construtores cujos motores preencham as condições exigidas e convenham aos fins propostos.

Os 10 concorrentes que não tendo obtido premio tiverem apresentado um motor julgado util, receberão, pelo modelo, a quantia de 2.500 francos.

Dados estatísticos de aeroplanos. — O exercito inglês possui 120 aeroplanos, 53 dos quais estão em perfeito estado de conservação. O número de aeroplanos particulares não baixará, seguramente, a 100.

Na Escola Central de Aviação Militar tem lugar anualmente três cursos de 13 semanas. Este Centro tem presentemente 26 discipulos e tem concedido diplomas a 68 pilotos.

Recentemente foram destinadas 20.000 libras esterlinas para implantar na India o serviço de aviação.

Italia

Criação duma comissão consultiva de aeronautica. — Por decreto de 8 de fevereiro ultimo foi criada junto do ministerio da guerra uma comissão consultiva de aeronautica militar, compreendendo 1 presidente, 6 membros do Parlamento, 5 officiais do exercito, 3 ditos da marinha, 3 presidentes de sociedades aeronauticas e desportivas e 1 secretario (militar ou paisano pertencente á inspecção de aeronautica), eleitos por 3 anos e reelegiveis.

Compete a esta comissão dar o seu parecer sobre as questões interessando a aeronautica que lhe forem submetidas pelos ministros da guerra e da marinha, e formular propostas para o desenvolvimento da navegação aerea.

Escola central de tiro de artilharia de campanha. — No inverno de 1913-

1914 funcionaram 5 cursos durante 18 dias cada um, na Escola Central de Tiro Nettuno.

Assistiram a cada curso: 1 oficial general, 4 coroneis, 10 oficiais superiores e 18 capitães, dos quais um certo numero do corpo do estado maior proveniente da artilharia, e destinadas a ficarem adidos á inspecção geral desta arma.

O serviço de instrução compreendia 1 grupo de 3 baterias de 75^{mm} M 1906 e 1 bateria de obuzes de 169 A.

As classificações obtidas pelos oficiais subalternos que frequentaram estes cursos serão remetidos pelo inspector da artilharia de campanha ao ministro da guerra que as fará chegar aos corpos para delas ser feita menção nas notas biograficas dos ditos officiais.

Criação de um curso especial de instrução no Instituto geografico militar.

— Por decreto de 17 de dezembro do ano ultimo, foi criado no Instituto geografico militar, um curso especial de instrução, durando um ano, que será frequentado por 30 officiais de infantaria, artilharia e engenharia.

Tem por objecto iniciar estes nos trabalhos topograficos e geodesicos, assim como nos dos outros serviços a cargo daquele estabelecimento.

Uma comissão nomeada pelo director do Instituto, designará os candidatos a admitir baseando-se sobre os seus titulos, informações e trabalhos publicados, estudos feitos e desenhos topograficos efectuados pelos candidatos.

Os officiais que frequentarem o curso com distincção ficarão adidos ao mencionado Instituto.

Japão

Balanco da guerra russo-japonêsa. — Acaba de ser publicada no Japão a estatística official das perdas sofridas pelo exercito durante a guerra com a Russia.

O numero de mortos e feridos nas principais batalhas, descontados os de Porto-Arthur durante o sitio, elevou-se a 130.086, dos quais morreram 29.014, sendo destes 1.391 officiais.

Estas perdas dizem respeito aos combates de Kintchen, Vafangon, Dachitchao, Liao-Yang, Cha-Ho, Sandepu e Mukden.

Nesta ultima batalha, que durou uns 22 dias, o balanço das perdas japonesas atinge 16.404 (555 officiais) e 53.655 feridos (1.799 officiais).

A batalha mais mortifera, depois desta, foi a de Liao-Yang, onde os japoneses perderam 23.714 entre mortos e feridos.

Em Porto Arthur, de 26 de julho até 6 de dezembro os japoneses perderam 44.085, entre mortos e feridos, sendo 1.628 officiais.

Noruega

Criação dum corpo de aviadores. — Visto ter sido criada em 1913 uma escola de aviação militar compreendendo uma secção tecnica e uma secção tactica, o departamento da defêsa nacional acaba de decidir que 20 conscritos serão incorporados anualmente como aviadores. Serão escolhidos de preferencia os candidatos voluntarios possuindo as aptidões requeridas.

Metade destes mancebos será incorporada no 1.º de maio e outra metade no 1.º de novembro, devendo efectuar 6 meses de serviço activo.

Depois de ter concluído a sua instrução tecnica e tactica na escola de aviação, serão affectos a um dos dois destacamentos de aviadores a criar respectivamente a sul e a norte dos montes Dopinos.

Tiro obrigatorio. — Há muitos anos que a Noruega deseja imitar a Suíça na parte relativa á instrução de tiro aos milicianos.

A extensão do territorio, e especialmente a grande distancia das povoações, tornam complicada a solução do problema, pois os soldados teriam que percorrer grandes distancias para alcançar as earreiras de tiro mais proximas.

Os pescadores, que constituem a maioria em alguns regimentos passam muito mais tempo no mar, e o inverno torna muito dificeis todos os exercicios de tiro.

Não obstante todas estas razões a Starting votou, a titulo de ensaio, a introdução do tiro obrigatorio para os milicianos de cavalaria e infantaria, devendo começar-se por uma classe unicamente.

Os soldados dessa classe fazem 30 tiros por ano durante os 3.º, 4.º, 5.º e 6.º periodos.

Durante o 1.º, 2.º e 7.º anos tomaram parte nos cursos de instrução, devendo portanto, executar os fogos a que fossem obrigadas as unidades a que pertencem.

As munições serão cedidas gratuitamente pelo Estado; as despesas que isto deve ocasionar calculam-se em 30.000 francos por contingente.

Russia

Viagens de estudo para os officiaes de engenharia. — Segundo a *Défense Nationale*, o Conselho superior de guerra acaba de prescrever a organização, em cada distrito militar, de viagens de estudo nas quais tomarão parte anualmente um certo numero de officiaes de sapadores e de pontoneiros.

Cada viagem, de 8 a 10 dias de duração, será dirigida por um general de engenharia, auxiliado por um official de estado maior de artilharia e por um engenheiro militar.

Serão postos cavalos dos corpos de cavalaria, ou de cossacos, á disposição dos officiaes não montados em tempo de paz.

Suecia

Aquisição de metralhadoras. — Foi consignado um credito de 200.000 corôas para aquisição de metralhadoras. O custo aproximado de cada uma é de 1.500 corôas.

Pensa-se em dotar com metralhadoras todos os corpos de infantaria e cavalaria. O material de metralhadoras de infantaria é a dorso, como no exercito austriaco.

Tambem se estão efectuando experiencias com as novas metralhadoras sistema Herz. Este novo material está reservado para a artilharia de posição.

Tropas de projectores e de aerostação.—As tropas de engenheiros dispõem actualmente de quatro secções de projectores (das quais 2 em Bodem) e de uma secção de aerostação.

Para a manutenção e exercicios destas unidades, e tambem para as manobras especiais é destinada no orçamento uma soma de 1.279:390 corôas, ou sejam 2.300 corôas mais que no orçamento anterior.

Turquia

Distribuição do exercito.—A julgar pelas ultimas referencias, parece que se projecta dividir o exercito turco em 14 corpos de exercito : 4 na Europa e 10 na Asia.

A composição de cada corpo de exercito será de 3 divisões de infantaria e as forças correspondentes de cavalaria e artilharia. Por sua ordem correlativa, a distribuição destes corpos é a seguinte : Constantinopla, Adrianopolis, Gallipoli, Smirna, Coma, Angora, Meppo, Damasco, Ersinschan, Erserum, Vada, Mosul, Bagdan e Yemen. Os regimentos de infantaria são a 4 batalhões.

Para facilitar as mobilizações existe o projecto de construir varias linhas de caminhos de ferro estrategicos.

Novos projectos de reformas.—Entre os projectos que se atribuem ao actual ministro da guerra, está a implantação de um novo sistema de recrutamento, pelo qual ficam reduzidos a três os anos de permanencia no serviço activo. Crê-se que a maior parte dos projectos estão inspirados pela comissão de officiais alemães instrutores.

O orçamento da guerra para 1914 (1.330 da Era mahometana), sobe a 12 milhões de libras turcas.

Efectivos de paz da triplice aliança e da triplice «entente».—O tenente general von Gôrz publicou um artigo na imprensa alemã, comparando os effectivos de paz da triplice aliança e triplice «entente», cujo resumo é o seguinte :

Triplíce aliança :

Alemanha : Os effectivos subirão em 1915 a um total de 820.000 homens.

Austria-Hungria : Possui actualmente 433.792 homens, que devem elevar-se para o ano de 1916 ou 1917, a 510.000 homens, em numeros redondos.

Italia : Para o teatro de operações da Europa tem hoje 287.489 homens, cifra que em breve sofrerá um aumento de 80.000 homens, procedentes de Tripoli.

Triplíce «entente» :

França : O seu efectivo de paz no primeiro do corrente ano elevava-se a 860.000 homens (incluindo 50.000 coloniais), dos quais 60.000 estarão em Africa, ficando por conseguinte uns 800.000 para a Europa.

Russia : Tem presentemente um efectivo de 1.267:000 combatentes, em

numeros redondos. E quando os dois novos corpos de exercito se tenham criado, a cifra elevar-se-há a 1.327.000 homens.

Inglaterra : Entre a Grã Bretanha e a Irlanda reúnem-se 145.000 homens.

Pelos algarismos citados conclue-se que os efectivos da triplice «entente» excedem de meio milhão, aproximadamente, os da triplice aliança.

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

O quarto e ultimo couraçado do tipo Koning, foi lançado em Kiel dos estaleiros Krupp-Germania, em 21 de fevereiro ultimo, tendo recebido o nome de *Kronprinz*. Tem a tonelagem de 25.500 e o seu armamento é de 10 peças de 36.^{cm}, 12 de 15.^{cm}, 12 de 8.^{cm} e 5 tubos para torpedos, dos quais 1 á pôpa, e 4 peças para aeroplanos. A velocidade é de 21,5 milhas, desenvolvido a força de 34.000 cavalos e possui 5 élices. A couraça de cintura tem a espessura de 35.^{cm} reduzida a 20.^{cm} na bateria e as chaminés são protegidas por 15.^{cm} até á altura de 6 metros de conves.

Austria

Novas Construções.— No Conselho de Ministros reunido para tratar do programa naval para 1914-1915, o comandante geral da marinha, almirante Haus, pediu creditos para construção da 2.^a divisão de dreadnought que substituirá a serie Monarch e que deve compôr-se de 4 couraçados de 25.000 toneladas, armados com 10 peças de 35.^{cm} dispostas em e torres axiais e de poderosa artilharia media. Outras informações dizem que a torres serão 4 com 8 peças de 38.^{cm} A velocidade será de 24 milhas.

Construir-se-hão tambem alguns cruzadores, torpedeiros e submarinos. A totalidade dos creditos pedidos para estas novas construções é de 425 milhões de francos que se dividirão em cinco unidades.

Estados-Unidos

A direcção da artilharia resolveu instalar em alguns submarinos, peças de 3 polegadas. Estas peças serão montadas num pôço e instalar-se-hão num aparelho-ascensor que ao levantar a peça arrasta consigo uma chapa que servirá de protecção ao pessoal que a maneja. Quando o barco submerge, a peça desaparece para baixo do convez.

Reforma dos arsenais.— Vão ser suprimidos os arsenais que não sejam de indiscutivel utilidade. Assim será suprimido o de Nova Orleans e transferir-se-ha o de Brooklin para as proximidades da estatua da Liberdade no territorio do estado de New Jersey.

O arsenal de Baston será aumentado e dotar-se-ha tanto este como o de Pensacola com diques para dreadnoughts.

Os arsenais de Charleston e de Keywest ficarão para reparações dos navios pequenos, constituindo-se no segundo grandes deposito de carvão.

França

Novos estaleiros.— O Crenot vae estabelecer um estaleiro em Cherbourg que dentro dum ano poderá empregar varios milhares de operarios.

Os estabelecimentos Normand do Havre, pensam tambem em estabelecer uma sucursal em Cherbourg.

Os estaleiros de La Seyne, constroem actualmente 4 barcos para rocegar minas, dos quais se destinam dois para Bizerte e dois para Tolon. Deverão estar prontos nos mezes de Junho a Julho e chamar-se hão *Herse, Reteau, Charrue e Pioche*. As suas principais dimensões são : comprimento 36.80 metros, bôca 6,80 ; pontal 2,63. Terão a força de 600 cavalos e 12 milhas de velocidade.

Hespanha

2.º Programa Naval Militar.—O ministro da marinha, contra-almirante Augusto Miranda, apresentou ás Camaras em 7 de Maio findo o projecto de lei, referente á construção da 2.ª esquadra e melhoramentos dos portos militares, de que vamos dar um resumido extrato.

O artigo 3.º do projecto de lei diz o seguinte : Com respeito aos preceitos anteriores, proceder-se-ha nos anos de 1915, 16 e 17, a realizar nos estaleiros e arsenais as construções seguintes : 1.º couraçado, provido dos mais modernos elementos de combate, cujo custo não exceda 70 milhões de pesetas e cuja quilha se começará logo que caia á agua o *Jaime I.º*, devendo ser lançado á agua em 1917 e ficar pronto em 1918. E' votada para a sua construção até fim de 1917, 61.200.000 pesetas.

Um outro couraçado, cuja quilha se começará logo que seja lançado á agua o anterior em 1917 e cujas características se determinarão em ocasião oportuna. Destina-se a esta construção, até fim de 1917, 5 milhões de pesetas.

Um cruzador-rapido contratorpedeiro de 1000 toneladas, cujo custo seja de 4.500.000 pesetas e que deverá já prestar serviço em 1917, destinando-se para a sua construção até fim de 1917, 4.500.000.

Para começar outro navio semelhante ao anterior, destinam-se, até final de 1917, 2.500.000 pesetas.

Três submersiveis, que deverão estar concluidos em 1918, cujo custo aproximado será de 3 milhões cada um. Destina-se para a sua construção ou aquisição até fim de 1917, nove milhões de pesetas.

Para começar outros 3, um milhar de pesetas.

Para concluir as construções pendentes em virtude da lei de 7 de Janeiro de 1908, 14.900.000 pesetas.

Despezas não previstas 10.700.000 pesetas.

Total 108.000.000 pesetas.

A economia que se obtiver no contrato do 1.º couraçado com respeito ao preço fixado como maximo se applicará a andiantar quanto possivel a construção do 2.º grupo de submesiveis

Os valores consignados são estimativas aproximadas, as diferenças poderão compensar-se dentro da soma total e o que deste saír será reembolsada pela ulima verba das 10.700.000 pesetas.

Art. 4.º.—O material inservível ou antiquado se venderá, applicando-se o produto á aquisição de guarda-pescas e de duas canhoneiras para policia e vigilancia das costas do continente. e possessões

Os torpedeiros cujo estado de construção o permite, dos 24 consignados na lei de 7 de Janeiro de 1908, serão substituidos por destroyers do tipo Bustamonte.

Art. 5.º.—Independentemente das construcões designadas nos anteriores artigos, simultaneamente porém, se procederá com a maior urgencia a contratar com uma ou varias entidades, acreditadas em trabalhos analogos á execução das seguintes obras nas bases navais assim como á construção do material flutuante seguinte :

Em Ferrol.—1 dique de 230 metros de comprimento, ampliavel a 340 metros de largura, 11.500.000 pesetas.

Expropriações e obras accessorias, 700000.

Dragagem, revestimento de taludes, etc. 1.782.000.

Deposito de petroleo com seus accessorios 500.000.

Atracações ao Arsenal, vias, vagonetes, guindastes, encanamentos d'agua, telefone e mais accessorios para aprovisionamento dos navios, 750.000.

Hangar para material aereo 50.000.

Compra de terreno, officina e material para Escola de engenheiros e maquinistas, 250.000.

Reparações nos desembarcadores de Puerto Chico. 100.000.

Total 15.632.000 pesetas.

Em Cadiz.—Dragagem do canal anterior 4 milhões de pesetas.

Expropriações de terrenos em Poniente, 500.000 pesetas.

Molhe de atracação, vias, vagonetes, guindastes, encanamentos d'agua, telefone, e demais accessorios para aprovisionamnto de varios, 2.743.000.

Deposito de petroleo, bombas, canalisações e accessorios, 500.000.

Estação central electrica, 400.000.

Estaleiros, edificios e diques, 800.000.

Hangar para meterial aereo, 50.000.

Arranjo do poligono de Torregorda, compreendendo via, vagon de transporte, plataforma, montagem, guindaste e consolidação do terreno, 800.000.

Total 9.493.000 pesetas

Em Cartagana.—Novo dique de 230 metros, ampliavel a 390, 11.500.000 pesetas.

Dragagens, molhes, vias, guindastes condução d'agua, 3.250.000

Despeza com os angulos salientes das docas, 350.000.

Bacia para torpedos e material flutuante, 1.500.000.

Edifícios novos, armazens para material aereo etc.	800.000.
Dique flutuante para torpedeiros,	900.000.
Deposito de petroleo,	500.000.
Central eléctrica	400.000.
Cais exterior,	200.000.
Total,	19.400.000.
Material flutuante. Trez grandes rebocadores, dispostos para salvamento e manobra de minas,	2.000.000.
Dois rebocadores mais pequenos	600.000.
Seis rebocadores para barcaças,	300.000.
Seis embarcações automoveis,	725.000.
Seis barcaças-tanques para petroleo,	200.000.
Nove idem para munições e viveres	270.000.
Doze idem para carvão	200.000.
Trez idem para outros serviços,	180.000.
Dnas maquinas flutuantes de 100 toneladas um milhão.	
Total	5.475.000 pesetas.

Resumo

Obras em Ferrol.....	15.632.000
» » Cadiz.....	9.493.000
» » Cartagena.....	19.400.000
Material flutuante.....	5.475.000
	<hr/>
	50.000.000

Inglaterra

Orçamento da Marinha Inglesa. — O primeiro lord do almirantado M. Churchill, pediu ao Parlamento o voto para um credito suplementar de 62 milhões e meio, elevando-se assim a 1.220 milhões a despesa total para o exercicio de 1913-1914. Esta soma representa um aumento de 100 milhões sobre o ano precedente, de 200 milhões sobre o ano de 1910 e de 300 milhões sobre o de 1908.

Os 100 milhões pedidos por M. Churchill são para ter as seguintes applicações: 1:250.000 para aumentar a reserva de combustivel liquido; 6.250.000 para aviação maritima; 5.000.000 para aumento do salario aos operarios; 11.250.000 para aceleração da construção dos três navios de linha programa 1913-14, aceleração que é necessaria por causa da demora no voto dos três navios Canadianos; finalmente 25.000.000 são destinados aos fornecedores que são obrigados a acelerar a construção dos navios actualmente em construção.

Sobre cada uma destas despesas, o 1.º lord deu interessantes explicações: assim disse ele que havia actualmente bastante combustivel na Inglaterra para o consumo de 3 anos de paz e existe tambem o suficiente para um ano de guerra.

Em aviação fez-se o contracto com a casa Vickers para a construção dum grande dirigivel rapido e de 3 navios pequenos semi-rigidos. Estão encomen-

dados 4 semi-rígidos, um á França e 3 á Italia. O que faz um total de 8 dirigiveis, tratando-se tambem da construção de hangares para estas maquinas.

Pelo que diz respeito ao aumento do salario aos operarios dos Arsenais, é isso necessario para manter uma relação conveniente entre estes salarios e os de industria particular.

Emfim, ele salienta que não deve haver reparos nas despesas suplementares para as construções navais porque elas são destinadas á aceleração dos programas em construção, e que as somas assim gastas este ano apertarão mesmo os orçamentos seguintes: mas isso não quer dizer que os futuros orçamentos sofram diminuição, porque, se a Inglaterra quer conservar a sua esquadra na porporção em que actualmente se encontra para com a esquadra alemã, é preciso conformar-se com despesas anuais ainda bastante elevadas.

Numero de navios que empregam combustivel liquido. — O almirantado publicou uma relação dos navios de guerra que empregam combustivel liquido, quer só, quer em auxilio do carvão.

Empregam só petroleo 166 vadios: a saber, 5 couraçados do tipo «Queen Eligabeth», 16 cruzadores rapidos, 109 destroyers e 36 torpedeiros.

Os navios que pôdem queimar petroleo e carvão são 67, dos quais 29 couraçados, 17 cruzadores-couraçados, 20 cruzadores-rapidos e 1 destroyer.

Por ultimo, dos navios em construção empregarão ambos os combustiveis, 9 couraçados, 1 cruzador-couraçado e 2 cruzadores-rapidos.

Cruzador-rapido «Cordelia». — Em fevereiro foi lançado á agua o cruzador-rapido *Cordelia* que pertence á segunda serie (letra C) da classe *Arethusa*. As suas 8 caldeiras *Jarrow* ocupam todo o pontal do navio e posto que a velocidade do projeto fosse de 30 milhas espera-se que este navio ande 36 milhas. O custo deste navio é de 245.000 libras, sendo o seu deslocamento de 3.450 toneladas, o que dá o preço de 71 libras estrelinas por toneladas.

Supressão das grandes manobras de 1914. — Mr. Churchill, declarou na Camara dos Comuns que este ano a Armada Inglesa não efectuará as grandes manobras costumadas e que em seu lugar se fariam exercicios de mobilização da 3.^a esquadra na situação economica, chamada de dotações-nucleos.

As manobras do ano passado, em que tomaram parte 236 navios, dos quais 46 couraçados, custaram meio milhão de libras estrelinas, que se economisam este ano com aplauso dos radicais.

A imprensa inglesa expõe suas duvidas de que se possam completar as dotações de todos os navios de 3.^a esquadra sem ir buscar gente á 2.^a, e diz que tal se fizer é uma admiravel prova de eficiencia e organização.

Italia

Navio para salvar submarinos «Anteo». — Este navio acaba de ser projetado e construído em Shiedam (Holanda) pela Casa A. F. Smulders, para o governo italiano, tendo saído já para Spezia, pelos seus proprios recursos.

Este navio é capaz de seguir as esquadras em tempo de guerra ou durante as manobras, de fórmula que no momento a que um submarino suceda

algum acidente, ele pode estar á mão para lhe prestar auxilio. Tem 165 pés de comprimento por 78 de boca, o que lhe dá uma grande estabilidade. O peso total que pôde suspender é de 400 toneladas, que pôdem ser elevadas a 200 pés de profundidade. Por isso tem dois paus de carga ou cegonhas que podem funcionar isoladamente ou conjunctamente, capazes de levantar cada uma 200 toneladas e dispostas de fórma que os pontos de suspensão pôdem variar de 40 a 60 pés, conforme o tamanho de submarino e metello a bordo do proprio navio.

Duas maquinas de vapor, de 200 cavalos cada uma, servem estas cegonhas e permitem levantar as 400 toneladas á velocidade de 4 pés por minuto.

O vapor para estas maquinas e para os élices, é fornecido por duas caldeiras, cuja superficie de aquecimento é de 200 metros quadrados.

Diz tambem, que por meio duma disposição, cujos detalhes ainda não são conhecidos, pôde-se pescar o submarino sem auxilio de mergulhador, o que facilita salvar estes barcos em profundidades onde os mergulhadores ainda não pôdem ir.

O barco pôde ter outras applicaçõea diferentes das já indicadas.

Novas construções. — O governo italiano propõe-se aumentar consideravelmente as forças ligeiras da sua marinha.

Além dos novos exploradores de 5.000 toneladas e 27,5 milhas, parece decidirse a construção de 6 contra-torpedeiros de 1.500 toneladas e 35 milhas e de 30 submersiveis, dos quais 6 serão de alto mar de 18 milhas á superficie e os outros 24 se dedicarão ás defezas locais e deslocarão 250 toneladas á superficie com 13 milhas de velocidade.

O programa naval de Italia, comporta até 1918 a construção de 12 super-dreadnoughts (sendo postos cada ano quatro no estaleiro) armados cada um com 10 peças de 380^{mm} e 14 peças de 190^{mm}, sendo as primeiras em torres duplas. O deslocamento será de 28.000 toneladas.

Japão

Abaixamento de idade para os almirantes. — Os almirantes serão retirados do serviço aos 65 anos, os vices-almirantes aos 60 e os contra-almirantes aos 56, em virtude duma lei que começou a ter execução em 31 de março ultimo.

Russia

O primeiro dos dreadnoughts do Mar Negro, o Imperatrizza Maria, foi lançado á agua em Nikolaieff, e tem as seguintes características: comprimento 551 pés e 2 polegadas, bôca 90 pés, calado d'agua 27 pés e 5 polegadas, deslocamento 22.700 toneladas, fôrça das maquinas 25.000 cavalos. Possui quatro torres triplices para 12 peças de 12 polegadas e mais 20 de 5 polegadas.

Velocidade 21 milhas, ou sejam 2 menos do que os dreadnoughts do Baltico. A sua construção durou 15 meses e quando foi lançado á agua pesava 6.680 toneladas.

Varias

Os grandes trasatlanticos

O *Oceanic*, lançado á agua em 1899, foi o precursor dos grandes trasatlanticos e a sua tonelagem de 12.273 toneladas, julgava-se nessa epoca difficil de ser excedida, mas em 1906 construiu-se o *Adriatic*, medindo 216 metros de comprimento e tendo 24.540 toneladas.

No ano seguinte foi lançado á agua o *Lusitania* e o *Maritania*, da Cunard Line barcos gemeos com 241 metros e 32.500 toneladas, seguiu-se o *Olympic* da White Star com 269 metros e 45.324 toneladas, o *Imperator* de Hamburgo Amerika com 280 metros e 50.000 toneladas; o *Aquitama* da Cunard Line com 274,600 e 47.000: o *Vatelland* da Hamburgo Amerika com 289,55 e 50.000. Por ultimo o *Britannic* de White Star Line tem 274 e 50.000 toneladas.

Todos estes trasatlanticos rivalisam entre si em comodidades, e em condições para dar aos passageiros a ilusão de que viaja em verdadeiros palacios flutuantes, que faz esquecer a aridez dos negocios terrestres.

Se das caracteristicas destes enormes barcos passamos a examinar as suas partes componentes, mais sensação elas causam assim no *Imperator*, o eixo maior das suas chaminés elíticas tem 9 metros e 14 centímetros de comprimento e a altura de 21 metros, isto é, quasi a altura duma casa de 6 andares; que o seu léme pesa 90 toneladas, bastando para o mover e governar o barco uma pequena roda situada a 268 metros de distancia no ponto de comando; que os seus projetores tem a força luminosa de 80.000 velas e são visiveis a 30 milhas de distancia e que o seu duplo fundo e as 84 embarcações de salvamento, com capacidade para 5.000 pessoas e seus aparelhos radiotelegrafico, afastam a possibilidade de risco para o passageiro e tripulação, destas cidades flutuantes com os seus espetaculos, seus commercios, seus cafés, banhos, imprensa, esportes, etc., etc. . .

Até á pouco o record do Atlantico era conservado pelo «Mauritania» que levava 4 dias e 10 horas desde a costa de Irlanda ao porto de New York. No ano passado o *Lusitanie* fez essa travessia em 4 dias 18 horas e 5 minutos, tendo tido sempre vento fresco e mar grosso pela prôa.

As turbinas do Vaterland desenvolvem a força de 35.000 cavalos, porém o corrente é que esta classe de navios desenvolva a velocidade média de 21 a 24 milhas por hora, percorrendo assim ás 3.000 milhas existentes entre os portos da Europa Setentrional e New York em 5 dias, salvo casos imprevistos.

O trasatlantico «Aquitania».—A Companhia Inglesa «Cunard», acaba de incorporar na sua frota este novo colosso, recuperando com ele o primêiro logar em grandes paquetes, logar que tinha sido absolvido pela Alemanha com o lançamento do colosso *Imperator*.

O *Aquitania* tem 901 pés de comprimento, 97 de pontal e 64 de bôca, e deslocamenro 55.000 toneladas. Será um navio auxiliar da Marinha de guerra inglesa, sendo dotado dos meios ofensivos e defensivos indispensaveis para o desempenho deste serviço. A velocidade será de 23 milhas, marcha calculada

para que saindo de Nova-York na manhã de quarta-feira chegue ao porto do destino pela manhã de quarta-feira seguinte. Póde comportar 4.210 passageiros, sendo 876 de 1.^a classe, 594 de segunda e 1.700 de terceira. O resto, ou sejam cerca de 1.000 pessoas corresponde á guarnição, que cada vez é mais numerosa nesta classe de navios.

Construido de forma a obedecer aos modernos principios do duplo fundo, póde considera-se que mais de metade do seu comprimento se compõe de dois cascos metidos um dentro do outro, divididos em 40 compartimentos estanques.

O numero de camarotes de todas as classes é de 1.300. O numero de lampadas electricas para a iluminação é de 10.000. As caldeiras de vapor são 21 instaladas em quatro compartimentos. Cada caldeira tem 8 fornalhas. Tem 4 chaminés que se elevam a 164 pés do fundo do barco e a 151 pés das suas respectivas caixas de fumo.

Os alojamentos da tripulação são completamente separados dos passageiros. As ancoras pesam cada uma 11 toneladas e as suas amarras são as mais fortes até hoje construidas, tendo cada um dos seus elos mais de quatro pés de diametro.

As portas dos compartimentos estanques, movidas por aparelhos hidraulicos, podem ser abertas e fechadas, por aparelhos colocados na ponte de comando.

O barco possui duas embarcações automoveis de 40 pés de comprimento e outras duas de 30 pés, podendo transportar consideravel numero de pessoas e rebocar os 25 escaleres de remos de grandes dimensões, que tantos são os que o trasatlantico possui.

As lanchas automoveis tem estações radiotelegraficas.

O camarote do primeiro maquinista tem telefones e tubos acusticos aperfeiçoados que o ligam a todas as dependencias do navio onde existam maquinas e os aparelhos telefonicos correspondentes ás maquinas principais, caldeiras e postos de vigilancia, transmitem sons perceptíveis a grande distancia. Um registador automatico vai indicando constantemente a pressão das caldeiras e em cada casa das turbinas existe um aparelho electrico que automaticamente regista as rotações das hélices respectivas.

Os evacuadores das cinzas em numero de 7, abrem-se por debaixo da flutuação e estão dispostos de modo que o mar não faça voltar de novo a entrarem para dentro do navio.

As cozinhas excedem o que de melhor há nos grandes hotéis, em uma hora confeccionam 400 preparações culinarias suscetíveis de se conservarem em condições convenientes até ao momento de serem servidas. Até o descasque das batatas é feito por meio de dois aparelhos electricos que descascam meio quintal de batatas num minuto. A electricidade é tambem empregada para o fabrico de crêmes, gelados e pasteis e para a limpeza e secagem da louça.

A padaria que diariamente tem que fabricar o pão para as 4 mil pessoas tem engenhosos aparelhos que em cinco minutos converte em pão um sacco de farinha.

Se na adoção de cousas uteis se levou d'escrupulosidade a um extremo até então ainda não excedido, o conforto e o luxo acham-se reunidos com uma prodigalidade que causa assombro.

Nas salas de jantar, salões e dependencias encontram-se as mais ricas madeiras talhadas e finissimas pinturas. As claraboias e vidrarias são admiráveis obras de arte, assim como o basamento e capiteis das colunas dos salões que pertencem á mais pura ordem jónica. Os quadros que guarnecem as paredes das salas de reunião e do concerto, foram pintados por famosos artistas decoradores e correspondem á grandeza e magnificencia do conjunto.

O convez de passeio do passageiro de 1.^a classe, acha-se convenientemente situado e oferece a particularidade de apresentar algumas vitrines onde se exibem joias e objectos de arte diversos, que em exposição permanente excitam a curiosidade de quem os contempla: despertando o desejo de os possuir. Pela rapida discrição, que acabamos de fazer, vê-se que este é uma maravilha e a última palavra sobre construção naval mercante.

Iluminação do Canal de Panamá—Toda a iluminação para a navegação no Canal de Panamá, será automatica, e as luzes terão caractéres proprios que permitem distingil-as com facilidade das outras luzes.

A' entrada e no lago Gatun, uma dupla fila de boias luminosas automaticas de acetilene marcará a parte navegavel do Canal. Este será tambem definido por fócios de relampagos que se tangenciam de modo que aos navios seja facil encontrar a sua direcção. O centro das linhas de cada fila será separada de modo que os navios de maior tonelagem podem cruzar-se sem o menor perigo.

Na *Culebra* e nos sitios mais estreitos, em lugar de boias colocar-se-hão pequenos faróis. As margens do Canal serão marcadas com boias de gaz, colocadas a uma milha de distancia umas das outra, entre as quais se colocarão outras intermedias de relampagos. Aquelas serão formadas por um corpo metalico flutuante, terminando por uma cobertura de aço sustentadora da luz e das lentes, elevada a 15 pés sobre o nivel dagua.

O corpo terá 8 pés de diametro e terá na base um correspondente trapeso.

Para evitar a ação corrosiva da agua do mar e a não menos destruidora do ar do mar dos tropicos, toda a parte submessa da boia se revestirá, primeiro, duma camada betuminosa aplicada a frio e depois duma camada de esmalte aplicada a quente. A parte da boia que fica a descoberto será protegida com uma camada de linimento, aplicada a ferver de duas camadas de minio e outra de esmalte para evitar a corrosão. Deste modo espera-se tambem impedir a ação destruidora dos organismos que pululam nas aguas do Canal e especialmente nas do logo Gatun.

O Ministerio da Marinha declarou a 19 de Março na Camara dos Deputados, que o governo sancionou um novo programa naval, conforme as necessidades e recursos da Grecia. A frota será aumentada de dois couraçados, além do *Salamis* de 19.500 toneladas, 23 milhas e 8 peças de 356^{mm}; de três cruzadores-couraçados, afóra alguns navios ligeiros.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Alemanha

- 1 *Anhang zum Exerzier — Reglement für die Feldartillerie.* Vom. 15 mai 1913. — Berlin, Mittler und Sohn, 1913.
- 2 *Einteilung des deutschen Heeres und der Marine, 1. Oktober 1913.* Berlin, Zuckschwerdt & Co., 1913.
- 3 *Einteilung und Dislokation der Russischen Armee und Flotte.* Von Carlowitz-Maxen. Oktober 1913. — Berlin, Zuckschwerdt & Co., 1913.
- 4 BRÜCKNER. *Zusammewirken der Infanterie und Feldartillerie im Gefecht.* Berlin. 1913.
- 5 ANDERS. — *Wie führt der Batterieführer seine Batterie zweckmässig in die Feuerstellung?* Berlin, 1913.
- 6 DR. RAIMUND NIRMÜHR. — *Die Luftfahrt.* Ihre wissenschaftlichen Grundlagen und technische Entwicklung.
- 7 JOSEF Flassig (tenente e piloto da secção aerostatica austriaca). — *Fliegerkurs — Leitfaden für Militär-und-Zivil-Flieger.* Viena. Leipzig, M 6
- 8 KOLOMAN Kiticsán. — *Militärluftfahrzeuge.* Leipzig, M. 3,60
- 9 *Führungstechnik der Artillerie des Feldheeres* (Feldartillerie und schwere Artillerie) par le général Hoehn. 3e édition. München, Riedel. 1913. Prix, Fr. 2,20
- 10 ANONIMO — *Geschütze und Munition der Oester.* — *Ungar.* Feldund-Festungsartillerie. Vienne, Wilhelm Knobloch, 1913. Prix, Fr. 1,40
- 11 CRANTZ. (C.) *Lehrbuch der Ballistik.* (Vol. III). Berlin, Teubner, 1913, Fr. 18,75

Espanha

- 1 *Mapa Militar Itinerario de España* — Estado Mayor del Exército.
- 2 *Información de estudios y experiencias realizados por la Sección de Caballeria de la Escuela Central de Tiro.* — Mes de julio de 1913.
- 3 Comandante A. Garcia Pérez. *Leyes de la guerra.* Madrid. 1913.
- 4 D. FRANCISCO J. de Moya y Jiménez, coronel de artilleria, y Celestino Rey Joly, capitán de infanteria. — *El ejército y la marina en las Cortes de Cádiz.* Tomo I. 1.000 pg.
- 5 D. CARLOS Martinez de Campos, teniente de Artilleria — *Equitación. Bases para la instrucción de las tropas de artilleria montada y á caballo.* — Madrid, 1913.

França

- 1 VALLET (lieutenant A.) — *L'Aviation militaire en 1912 Son rôle dans la guerre moderne.* In-8, 30 p. (6 juin.) 1913. Marc Imhaus et René Chapelot.
- 2 *Vie (la) militaire en France et à l'étranger. 1re année. 1911-1912.* Ch.

- Gide. La Grande Illusion. — Général Percin. La Question de l'obusier de campagne. — Général Coupilland. La Nouvelle loi militaire allemande. — Colonel Cordonnier. Stratégie d'hier et d'aujourd'hui. — Lieutenant-colonel Montaigne. La Bataille ; son visage, son âme. — Lieutenant de vaisseau Hache. De l'utilisation de nos forces navales. — Jean Dany. Les Armées du monde en 1912. In 16, iv-452 p. 1913. F. Alcan. Paris. Fr. 3,50
- 3 MORLIÈRES (H.) *Notes sur le canon de 75 et son règlement*. Paris, 1913.
- 4 *De Sul-Oglou à Tchataldja. Carnet de campagne d'un officier turc*. (Octobre-décembre 1912). Par le lieutenant Selim Bey, du 1^{re} lanciers. Paris, 1913. Fr. 2
- 5 AMBERT (général) *Les Soldats français* ; Nouvelle édition. Avec illustrations par C. Gosselin. H. Meyer et Semechini. In-8, 239 p. (S. M.) Mame et fils. Tours.
- 6 *Cours abrégé d'hippologie à l'usage des sous-officiers, des brigadiers et des élèves brigadiers des corps de troupe à cheval*, approuvé par le ministre de la guerre le 30 avril 1906. In-32, 268 p. avec fig. (9 octobre) 1913. Impr. nationale. Paris.
Ministère de la guerre.
- 7 IMMANUEL (lieutenant-colonel) — *La Guerre des Balkans de 1912 1913* ; 2^e et 3^e volumes. La Guerre jusqu'au commencement de l'armistice en décembre 1912. Avec 3 cartes et 16 croquis. In-8, 194 p. Charles-Lavauzelle. Paris. 1913. Fr. 5
- 8 *Instruction du 5 août 1904 sur le matériel de tir et les champs de tir de la cavalerie*. Edition mise à jour en août 1913. Petit in-16, 233 p. avec 104 fig. 1913. Charles-Lavauzelle. Paris. Fr. 1,25
Ministère de la guerre.
- 9 *Instruction du 4 mai 1911 relative aux soins à donner aux chevaux dans les corps de troupe*. In-12, 36 p. Impr. nationale 1913 (9 octobre).
Ministère de la guerre.
- 10 *Instruction sur l'entretien et l'inspection du matériel d'artillerie de campagne*. Approuvée par le ministre de la guerre le 8 janvier 1913. In-12, 123 p. (9 octobre). Impr. nationale.
- 11 *Règlement de l'artillerie de côte*. Troisième partie. Description et mise en œuvre de l'organisation défensive du littoral. Exercices du temps de paix. Titre VII ; Exercices du temps de paix. Approuvé par le ministre de la guerre le 27 octobre 1911. Renseignements spécialement destinés aux officiers et sous-officiers. In-12, 96 p. avec 9 fig. 1913. (18-octobre). Impr. nationale. Paris.
- 12 *Règlement sur le service des bouches à feu de côte*. Première partie. Titre V. Approuvé par le ministre de la guerre le 5 avril 1897. Manœuvres de force et Mouvements de matériel. 1913. (18 octobre). In-12, 284 p. avec 41 fig. Impr. nationale. Paris.
Ministère de la guerre.
- 13 SVETCHINE (colonel A.) et Romanovsky (colonel Y. D.) — *La guerre russo-japonaise (1904-1905) d'après les documents réunis par la commission historique militaire et d'autres sources*. Esquisse du siège de Port-Arthur. Traduit du russe par A. Broussaud chef d'escadron d'ar-

- tillerie breveté. In-8, 462 p. et 52 croquis et 3 cartes hors texte. L. Fournier. Paris. Fr. 12,50
- 14 GUILLIN (général) — *Le Général Hippolyte Langlois*. Impr. Jacques et Demontrou Besançon. Berger-Levrault. Paris Fr. 2,50
- 15 LEDRU (A.) capitaine. *Montbrun* (1809). Fournier. Paris Fr. 3,50
- 16 SALVETAT. (Lieut.) — *Simplifions notre armement*. P. Tissot — Toulon Fr. 1,50

Italia

- 1 *La resistenza delle artiglieri* — Nuovi studi degli ingegneri Leone Coupaye e Pietro Malaval dell'artiglieria navale francese — Traduzione e prefazione di Ettore Bravetta, capitano di vascello r. n. — Torino, 1913. Libreria editrice Carlo Pasta. Prezzo L 8
- 2 Maggiore d'artiglieria Luigi Pellerano. — *L'autocromista e la pratica elementare della fotografia a colori*. — Manuale Hoepli, Milano, 1914. Prezzo L 9,50
- 3 Maggiore Vittorio Sforza — *Agenda militare tascabile per l'anno 1914*. — Roma, presso l'amministrazione dell' Agenda militare tascabile. Prezzo L 2,30
- 4 BARBETTA. — *Manuale di topografia pratica per l'ufficiale combattente*, 2.^a ediz. — Citta di Castello, S. Lapi, 1913.
- 5 BIANCHI. — *Nozioni fondamentali di balistica interna*. 2.^a ediz. publ. per cura di G. Madaschi, capitano d'artiglieria. — Torino, Carlo Pasta, 1914.
- 6 SCHIARINI. — *Il soldato italiano in Libia* (1911-1912) — Roma, D. Rapamonti, 1914.
- 7 RICCHETTI. — *La guerra nella penisola balcanica*. (Prima raccolta di dati e notizie). Vol. 1, con schizzi. Scuola di guerra. — Torino, Olivero & C. 1914.
- 8 SAKURAI. — *Nikudan. Proiettili umani*. Episodi dal vero dell'assedio di Port-Arthur. Dalla 107.^a ediz. giapponese. Unica traduzione italiana.
- 9 *Campagne (Le) tedesche nell' Africa di sud-ovest contro gli Hereros e gli Otentotti* (1904-1906) compilazione dell' Ufficio storico dello stato maggiore generale tedesco. Traduzione del capitano di st.^ato maggiore Bollati Ambrogio. Comando del corpo di stato maggiore. Ufficio coloniale. — Grottaferrata, tip. italo orientale, 1913.
- 10 AFRICA (L') di sud-ovest. *Terreno e abitanti. I nostri combattimenti*. Valore della colonia. Conferenza tenuta in parecchie citta tedesche dal colonnello Deimling, capo reparto nel grande stato maggiore, già comandante del 2.^o reggimento campale delle truppe di protettorato dell' Africa di sud-ovest. Trad. del capitano di stato maggior e Bollati Ambrogio. Comando del corpo di stato maggiore. Ufficio coloniale. — Grottaferrata, tip. italo-orientale, 1913.
- 11 Colonnello Maggiorotti ing. Andrea e capitano Puglieschi Ubaldo. *L'automobile a benzina ed il suo impiego nell' esercito* (con 290 figure) — Città di Castello. Unione Arti Grafiche, 1913. Prezzo. L 9
- 12 *Formazioni (Le) meno vulnerabili della fanteria e l'impiego del fuoco*

di fucileria. (Studi e ricerche). Scuola d'applicazione di fanteria. Ufficio Tiro. — Parma, Cooperativa Parmense, 1913.

- 13 GILBERT de Winckels. *Monoposti o biposti. Monoplani o biplani.* Estratto dalla Rivista militare italiana, anno 1913, disp. x e xi. — Roma, Enrico Voghera, 1913.

II — PERIODICOS

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 255 de abril de 1914. Carta del Coronel I. de O C zar, Inspector de Caballeria. Tablas graficas para explosivos. Pasaje del rio Paran . Organización y empleo de la aeronautica militar en las ultimas maniobras francesas. Estación de telegrafia sin hilos para la caballeria.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 4 e 5 de abril e maio de 1914. Notas editoriales. O curso de infanteria pelo regulamento de 30 de abril de 1913. O obuseiro de campanha. Projectil unico para a artilharia de campanha. Alimenta o e reabastecimento dos exercitos em campanha. Pequenas observa es. Uma valiosa opinião sobre as escolas de equita o italiana e franceza. A triplice missão da cavalleria. A manobra de Saint-Privat.
- 2 *O Tiro*, n.º 60 de março de 1914. Uma facil experiencia. Uma observa o. Liga de atiradores do Rio Grande do Sul. Notas sobre avia o. Emprego das granadas em epoca contemporanea. Boletim da Confedera o do tiro brasileiro. Regulamento de exercicios para infantaria.
- 3 *Revista maritima brasileira*, n.º 10 de abril de 1914. Relatorio da comissão de estudo sobre a organiza o das marinhas europeias. Thermometro de transmissão electrica   distancia. Relatorio da viagem do couraçado *Minas Geraes* aos Estados Unidos da America do Norte. Os estabilisadores das polvoras progressivas e sua fun o chimica. Artilharia do monitor *Solim es*. Hydro-avia o na marinha. Instructoria de torpedos e minas. Decano maritimo.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 334 de abril de 1914. Tablas de altura i azimut del capitan Radler de Aquino. Una teoria sobre esplosiones de calderas. Desarrollo de proteccion bajo la linea de flotacion. Aeronautica. El trotyl. Consideraciones historicas sobre los motores i combustibles usados en la navegacion submarina.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 21 de marzo de 1914. Ley 40 de 1913, por la cual se dispone conmemorar el Centenario de Ricourte. Decreto n.º 349 de 1914, que reglamenta la Orden Militar de San Mateo. Discurso pronunciado en la inauguración del Museo de Armas. Parte oficial de la Batalla de San Mateo. Capitán Antonio Ricourte y Lazano. La acción de Ricourte a la luz del criterio militar moderno. El ejercicio del Comando. La reforma militar y sus reglamentos. El aumento de las tropas de Tren. Empleo táctico de las ametralladoras. Escuelas. Almacenes de compañía. Las grandes toneladas. Elección de conscriptos. Al través de la prensa militar.

Espanha

- 1 *Memorial de infanteria*, n.ºs 27 e 28 de marzo e abril de 1914. Advertencias generales para los jefes de seccion. Version oficial japonesa sobre la guerra de 1904 1905. Material. Servicio de enlaces en campaña. Para el soldado. La obra militar y politica de Hernán-Cortés. Operaciones en Yebala. La anatomia y fisiologia humanas en el ejercito. Gonzalo Hernández, en Granada. Sobre instruccion de tiro. Pistolas automáticas. El General Ricardos y la Santa Inquisicion. Combates en Africa. Concepto de Patria. Como mueren los infantes. Aparato Lepin de señales nocturnas. Tendencias alemanas. Principios de la táctica razonada de las marchas y operaciones de noche. Teoria de los agrupamientos obtenidos con fusil en tiro razante. Variedades.
- 2 *Revista científico-militar*, n.ºs 5 e 8 de marzo e abril de 1914. La bala Derguesse. Las maniobras imperiales alemanas de 1913. Los jefes de estado mayor de Napoleón. Inglaterra en el Mediterráneo. Nuestro soldado. Ejercicios con obuces en terrenos montañosos. Acémulas para el transporte de municiones de infanteria. El soldado español. Las maniobras imperiales alemanas de 1913. Principios de la dirección de la guerra. Emolumentos de las tropas indigenas italianas en Libia. Organizacion francesa del servicio de automóviles. El empleo de la pala por la infanteria. Consumemos la vida. El nuevo fusil del ejercito suizo. Principios de la dirección de la guerra. Ante el anuario militar de 1914. Enseñanzas tacticas de la guerra balkanica.
- 3 *Revista de caballeria*, n.ºs de marzo e abril de 1914. Ganado caballar de silla. El nuevo Reglamento de equitacion de la caballeria alemana. La retirada de Rusia. Pruebas de fondo para reconocimientos de la caballeria en España. Consideraciones sobre el arma de caballeria. El fuego á caballo. Tercer deposito de caballos remontados. Los problemas sobre el plano.
- 4 *Revista internacional militar*, n.ºs de fevereiro e marzo de 1914. La importancia de la artilleria en la máxima guerra. Las deficiencias de la artilleria turca. Variaciones en el reglamento de la artilleria de campaña francesa. Comentario. Variedades. Las experiencias con el uni-

forme gris. Gruesos cañones navales. La actividad de la artillería rusa de campaña en el combate. Juicios de la prensa acerca de la artillería de campaña francesa.

- 5 *Revista internacional militar*, n.º de abril de 1914. La artillería de campaña y la artillería pesada en la campaña ruso-japonesa y la influencia de las experiencias de la guerra en el empleo de nuestra artillería actualmente. Los ciclistas en el ejército francés. Comentarios.
- 6 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.ºs de marzo e abril de 1914. La oficialidad combatiente en los ejércitos extranjeros. Ascensos y recompensas: cruz militar de San Fernando. El aprovisionamiento de los ejércitos en la guerra moderna. Manual de telegrafía militar. Camaradería militar en el ejército alemán. La situación político-militar en el Mediterráneo. El servicio de exploración con los aeroplanos en la guerra campal.

Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º 126 de marzo e abril de 1914. The mine defense of harbors its history, principles, relation to the other elements of defense, and tactical employment. Joint army and navy exercises. Velocities of projectiles under water. Coast defense in the civil war operations on the Mississippi river.

França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 149 e 156 de marzo e abril de 1914. L'artillerie en France et en Allemagne en 1914. Las condiciones de l'offensive dans les opérations stratégiques. Los soldados de 1870. Evolution des idées sur le mode de préparation de l'artillerie à la bataille. Étude sur las opérations du groupe de l'Est à la bataille du Chaho. Le combat du bataillon et des unités subordonnées. Suisses et français. Etude historique sur la discipline et le droit de punir dans l'armée française. La campagne Anti-Russe. L'observation aérienne. Memento. Le mois militaire.
- 2 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 152 a 154 de abril de 1914. A nos lecteurs. L'actualité. Nouvelles pour l'armée Aéronautique. Histoire militaire. Les guerres modernes. La semaine militaire. Memento de la semaine. Fin d'illusions. L'entente cordiale. Organisation générale. Le droit des Gens. Marine.
- 1 *Les archives militaires*, n.º 9 de janeiro-março de 1914. Opérations en Afrique équatorial. Service automobile de l'armée. Avions de reconnaissance. Brevet d'aptitude militaire. Loi sur les cadres et effectifs de l'armée. Emploi de la cavallerie. Conduite des grandes unités. Conseil supérieur de l'aéronautique. Contingent annuel des reserves. Ecole pour officiers de milice. Fortifications de Paris. Un nouveau fusil. Emploi des groupes cyclistes. Liaison dans les corps de troupe. Grandes manœuvres de 1913. Opérations au Maroc. La situation au Mexique. Observations an aéronat. Organisation de l'armée. Règlement de ma-

- œuvres de l'infanterie militaire. Project de réorganisation militaire. Opérations en Tripolitaine.
- 2 *La revue d'infanterie*, n.ºs 327 e 328 de março e abril de 1914. Le fantassin à l'instruction. Zones de concentration et manœuvre probables des armées françaises et allemandes au début d'une guerre. Le fantassin en campagne dans les principales armées : Danemark, Pays Bas Education intellectuelle et morale du chef de section. Exercices tactiques dans l'armée japonaise. L'infanterie légère : Italie. Le nouveau règlement de manœuvres de l'infanterie portugaise.
 - 3 *L'Opinion militaire*, n.ºs 80 e 84 de março e abril de 1914. Notes de la quinzaine. Questions d'hygiène. La couverture et le projet de M. Raiberti. Le soldat allemand. Quelques opinions de militaires — Sur la tenue civile. Idées du jour. La politique étrangère. Le sous-officier français. Les caractères militaires — L'arrivé. L'Europe en armes et les S. A. G. L'immunité acquise et la vaccination antityphoïdique. Notre artillerie de campagne au début de 1914. Encore les embusqués. En courant sur les routes de Serbie. On lit à l'«Officiel». La Nation armée s'organisera elle-même. L'éducation morale du soldat en vue de la guerre.
 - 4 *Le spectateur militaire*, n.ºs 563 a 565 de março e abril de 1914. Un foussier de Napoléon vers l'Inde. La réorganisation de l'armée héllinique. La mission française au Pérou. Au Maroc. Les rapports du haut-commandement et du pouvoir civil dans une démocratie. Une belle page de notre histoire coloniale. Artillerie de campagne anglaise.
 - 5 *Revue d'artillerie*, n.ºs de março e abril de 1914. Contribution à l'histoire de l'artillerie. Une doctrine pour l'artillerie lourde. Etude sur l'organisation et le fonctionnement des établissements d'artillerie. La signalisation dans l'armée anglaise. Débouillage et dressage élémentaire du cheval d'artillerie. Losange articulé de pointage.
 - 6 *Revue de cavallerie*, n.º de março de 1914. Comment se perd une bataille. — La cavalerie à Rezonville le 16 août 1870. Une campagne au Maroc oriental. Opinions : Préjugés et fantaisies sur le commandement de la cavalerie. Variétés : La cavalerie d'Algérie.
 - 7 *Revue d'études militaires*, n.ºs 23 e 24 de março e abril de 1914. Le combat défensif. Section de Remisme. La doctrine géographique par les Maitres. Les Conseils d'administration des corps de troupe. 1^{ère} Partie : Cycle II. (Directives, livres et documents, leur utilisation. Documents envoyés) ; II^e Partie : Sujets de devoirs proposés.
 - 8 *Revue du génie militaire*, n.ºs de março e abril de 1914. Note sur l'édification rapide de certaines constructions. Prise de Janine. Le pont suspendu de Mechra-ben-Abbon. Siège d'Andrinople. Note sur un nouveau robinet doseur-économiseur. Sciences mathématiques. Sciences physiques. Périodiques. Histoire, Construcción, etc., Fortifications, etc. Communications, etc. Mines, explosifs, etc.
 - 9 *Revue d'histoire*, n.ºs 159 e 160 de março e abril de 1914. La bataille. L'armée du roi (1674). L'organisation de la Grande Armée de 1813. La guerre de 1870-71. Une opinion allemande sur la critique en histoire militaire. Campagne de 1807.

- 10 *Revue du service de l'Intendance militaire*, n.º 237 de março de 1914. Etudes sur la marche des services de l'Intendance en campagne.
- 3 *Revue du service de l'Intendance militaire*, n.º 238 de abril de 1914. De l'utilisation des moteurs à courant alternatif dans les établissements du Service de l'Intendance. Extraits de publications récentes intéressant l'Administration militaire.
- 4 *Revue militaire des armées étrangères*, n.ºs 1034 a 1037 de janeiro a abril de 1914. Le budget de l'empire allemand pour 1913. L'armée japonaise. La production et l'élevage du cheval militaire en Allemagne. Aperçus sur les guerres balkaniques 1912-1913. Les manœuvres impériales allemandes. L'armée japonaise. Les grandes manœuvres anglaises en 1913. L'armée belge au début de 1914. Les manœuvres austro-hongroises de 1913.

India Inglesa

- 1 *Journal of the United service Institution of India*, n.º 135 de abril de 1914. Gold Medal Prize Essay, 1913. An Introduction to the Study of the War in the Balkan Peninsular. Cause and Effect in the Franco-German War. History of the Royal Indian Marine. The Home System of Recruit Training and Manmastership. Some Notes on the Service Rifle. On the Position of Headquarters.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de março de 1914. Il calcolo delle tavole di tiro per la artiglieria a tiro molto teso. Il tiro curvo dei cannoni de campagna. Capannoni tipo italiano per aeroplani. Scale-osservatorio in uso nell'artiglieria de campagna austro-ungarica, francesa e tedesca. Alcune considerazioni sulle operazioni di guerra sotterranea nell'assedio di Porto-Arthur.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.ºs de 15 de março e 15 de abril de 1914. Da un Mese all'Altro. Gli Squadroni Meharisti in Libia. La Casa Militara dei Principi Sabandi. Ricerche sul valore funzionale del cavallo militare da sella. Gerona (1808-1809). La formazione dei condottieri di cavalleria. Por una carta topografica. Annotando «Waterloo (1815)».

Mexico

- 1 *Revista del ejercito y marina*, n.º 3 de março de 1914. Regeneración de las marchas nitricas por medio de diagramas. Factores esenciales para el buen éxito del ejército en campaña. Seguridad y ofensiva. Un despacho en una bomba. La cuestion del servicio militar obligatorio en Inglaterra. Instrucción del combate. Todos torpedos. La mortalidad en la guerra. Las maniobras imperiales alemanas en 1913.

Noruega

- 1 *Norsk militaert tidsskrift*, n.º de março e abril de 1914. Enkelte erfaringer fre Balkankrigene. Pressen og afterratnings-væsenet under krig. Flyvemaskiner under Balkankrigen Aarsberetning pe Kristiania militære samfund 1913. Norsk militart tidsskrifts prisopgaver for 1914. Dybbolkampen 1864. Mytteri blandt schweiriske tropper. De serbiske soldaters marsjdygtighet. Det tyrkiske artilleris fiasko. Pressen og efterrettingsvæsenet under krig.

Perú

- 1 *Boletín del ministerio de guerra y marina*, n.ºs 4, 5 e 6 de febreiro e março de 1914 Conferencias de la Escuela Superior de Guerra (Administración militar, Hipología, Estado maior, Topografía, Fortificación, Higiene militar, Historia militar, Servicio de Sanidad en Campaña). Sección medica de los contingentes. La sanidad militar del Perú y el Caducuo de Mercurio.

Salvador

- 1 *Memorial del ejercito de el Salvador*, n.ºs 13 e 14 de janeiro e febreiro de 1914. Memoria del snr. Ministro de la Guerra. Tribunales de honra. Rool y empleo de la infanteria en el combate. Reorganización del ejercito turco. Reflexiones sobre la guerra ruso-japonésa. Por qué la Turquía sufrió derrotas en la guerra balkanica. Pistolas automaticas. El ejercito aleman.

Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 119 de março de 1914. El Centro militar y naval en las exequias de Newbery. Atracciones sociales. Proyecto de Estatutos. La division naval alemana. Los destroyers «Linch» y «Condell» de la armada chilena. Como se pide. Paginas de historia militar. El tiro de la artilleria contra dirigibles y aeroplanos. Estudios tecnicos. Los soldados de la revolución.

